

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**FABIANA PASTORE BRASIL**

**A DISCRIMINAÇÃO EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO, À LUZ DA  
AVALIATIVIDADE: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**MESTRADO EM  
LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**SÃO PAULO  
2012**

**FABIANA PASTORE BRASIL**

**A DISCRIMINAÇÃO EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO, À LUZ DA  
AVALIATIVIDADE: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**MESTRADO EM  
LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Linguística Aplicada e estudos da Linguagem sob orientação da Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda.

**São Paulo**

**2012**

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sumiko Nishitani Ikeda (orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela B. C. T. Lessa

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lindinalva Zagoto Fernandes

Aos amores da minha vida:  
*Vinícius e Beatriz.*  
A vocês, dedico essa conquista.

## **AGRADECIMENTOS**

À Profª Drª Sumiko Nishitani Ikeda, pela orientação sempre assertiva, pela extrema paciência e, acima de tudo, por acreditar em um sonho.

À Drª Lindinalva Fernandes e ao Me. Ulisses Vaz, pela leitura atenta e contribuição valiosa no exame de Qualificação.

Aos Doutores do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, da PUC – SP, que contribuíram valiosamente para a construção e ressignificação do meu conhecimento em linguística.

A Capes, pela concessão da bolsa de estudo, fundamental para conclusão da pesquisa.

À minha querida mãe, pelo apoio incondicional pelo amor dedicado aos meus filhos, quando minha ausência fez-se necessária, e acima de tudo, por mostrar a mim e aos meus irmãos a importância dos estudos.

À minha família: meus filhos Vinícius e Beatriz, pelo amor, pelos beijos, abraços e palavras de carinho em todos os momentos. E aos meus irmãos e sobrinhos, pelo amor e carinho eterno.

Aos meus alunos e amigos da escola Mário Lopes Leão, fundamentais na minha formação docente e no estudo realizado.

Às minhas amigas Eliane e Liliana, pela amizade e conversas tão enriquecedoras.

Aos colegas de sala, mestrandos e doutorandos, pelo conhecimento compartilhado.

À minha querida irmã e amiga Claudia, pelo incentivo, pela palavra certa no momento certo, enfim, por iluminar a minha vida.

A Deus, por guiar meu caminho e colocar nele pessoas tão maravilhosas.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

*José Saramago*

# A DISCRIMINAÇÃO EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO, À LUZ DA AVALIATIVIDADE: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

## RESUMO

A presente pesquisa enfoca a questão da discriminação sociorracial no romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, examinando as escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor para, não só se posicionar em relação à questão sociorracial, mas também para obter a solidariedade do leitor, criando um quadro convincente da inconsciência dos negros em relação à sua própria servidão. Para tanto, examina a questão da identidade, segundo Bucholtz e Hall (2005) e Snow (2001) e a importância do contexto ideológico, segundo Banks (2005). Em termos metodológicos, o exame apoia-se nos estudos da semântica avaliativa, uma ampliação da Metafunção Interpessoal da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994, 2004), com o sistema de *Appraisal* (doravante, Avaliatividade) (MARTIN, 2000), e o faz a partir do enfoque da Linguística Crítica, de Fowler (1991). A análise conta também com o apoio de Li (2010) para quem as ideologias sociopolíticas ou socioculturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso. O autor recorre a van Dijk (1993, 1997), em uma abordagem da Análise do Discurso Crítica, que relaciona a noção **macro** da ideologia às noções **micro** dos discursos e das práticas sociais de membros de grupo. O estudo deve responder às seguintes perguntas: (a) que escolhas lexicogramaticais são feitas por Lima Barreto para focar a questão da discriminação sociorracial em *Clara dos Anjos*? (b) como são caracterizadas essas escolhas do ponto de vista do sistema da Avaliatividade? (c) de que forma a Linguística Sistêmico-Funcional pode desnudar a ideologia que envolve a identidade racial no romance? A pesquisa mostra que, por meio de escolhas lexicais de Avaliatividade negativas, Lima Barreto busca construir um leitor ideal, capaz de compartilhar suas amarguras, de uma vida marcada pela discriminação sociorracial.

**Palavras-chave** – Discriminação sociorracial. Lima Barreto. Contexto ideológico. Identidade. Avaliatividade. Linguística Crítica. Linguística Sistêmico-Funcional.

# THE DISCRIMINATION IN *CLARA DOS ANJOS*, BY LIMA BARRETO, FROM THE PERSPECTIVE OF APPRAISAL: A SYSTEMIC-FUNCTIONAL PERSPECTIVE

## ABSTRACT

This research focuses on socio-racial discrimination found along the novel *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, examining lexicogrammatical choices made by the author, not only to take a stand on the socio-racial issue, but also to get the reader's sympathy, creating a convincing picture black people's unconsciousness about their own servitude. For this purpose, it examines the question of identity, according to Bucholtz and Hall (2005) and Snow (2001) and the importance of the ideological context, according to Banks (2005). In methodological terms, this study is based on studies of semantic evaluation, an extension of the Interpersonal Metafunction in Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994, 2004) and on the Appraisal System (MARTIN, 2000) in an approach of Critical Linguistics (FOWLER, 1991). The analysis also has the support of Li (2010), for whom the sociocultural and sociopolitical ideologies are intertwined with language and speech. The author refers to Van Dijk (1993, 1997), who relates the macro notion of ideology to micro notions of discourse and social practices of group members. The study should answer the following questions: (a) which lexicogrammatical choices are made by Lima Barreto to address the socio-racial discrimination issue in the book *Clara dos Anjos*? (b) how are these choices characterized from the point of view of the Appraisal system? (c) how can Systemic-Functional Linguistics uncover the ideology that involves racial identity in the novel? The research shows that, through negative lexical choices of Appraisal, Lima Barreto seeks to build an ideal reader, able to share his sorrows, of a life marked by socio-racial discrimination.

**Keywords** – Socio-racial discrimination. Lima Barreto. Ideological context. Identity. Appraisal. Critical Linguistics. Systemic Functional Linguistics.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - O sistema da Transitividade (adaptado de: HALLIDAY, 1994).....	16
QUADRO 2 - Modalidade.....	17
QUADRO 3 - Redundância .....	20
QUADRO 4 - Tipos de Avaliatividade.....	20
QUADRO 5 - Recursos de Appraisal (adapatado de Martin 2003).....	23
QUADRO 6 - Resumo das subcategorias de Compromisso.....	28
QUADRO 7a - Resumo das teorias apresentadas.....	36
QUADRO 7b - Resumo das categorias de análise.....	38
QUADRO 8 - Análise da Metafunção Ideacional: Processos [Clara dos Anjos].....	41
QUADRO 9 - Análise da Metafunção Ideacional: Processos [Cassi Jones].....	43
QUADRO 10 - Ocorrência de Processos em Clara dos Anjos.....	44
QUADRO 11 - Ocorrência de Processos em Cassi Jones.....	44
QUADRO 12 - Avaliatividade [Clara dos Anjos].....	47
QUADRO 13 - Avaliatividade [Cassi Jones].....	49
QUADRO 14 - Ocorrência de Avaliatividade em Clara dos Anjos .....	49
QUADRO 15 - Ocorrência de Avaliatividade em Cassi Jones .....	49

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2 LIMA BARRETO: PANORAMA HISTÓRICO E SOCIAL</b> .....	5
2.1 Clara dos Anjos .....	9
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	11
3.1 A Linguística Crítica .....	11
3.2 A Linguística Sistêmico-Funcional: Língua e contexto .....	13
3.2.1 <i>Língua e Contexto</i> .....	14
3.2.2 <i>A Metafunção Ideacional</i> .....	15
3.2.3 <i>A Metafunção Interpessoal - Mood e Modalidade</i> .....	17
3.3 A Avaliatividade (APPRAISAL) .....	18
3.3.1 <i>A logogênese: O fenômeno da propagação avaliativa</i> .....	21
3.3.2 <i>O Compromisso</i> .....	22
3.4 A Identidade .....	29
3.4.1 <i>O princípio da emergência</i> .....	31
3.4.2 <i>O princípio da posição</i> .....	31
3.4.3 <i>O princípio da indexicalidade</i> .....	31
3.4.4 <i>O princípio de relação</i> .....	32
3.4.5 <i>O princípio da parcialidade</i> .....	32
3.5 A ideologia .....	33
3.5.1 <i>A ideologia e a microestrutura do discurso</i> .....	34
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	37
4.1 Dados .....	37
4.2 Procedimentos de análise .....	37
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	38
5.1 Análise do capítulo VIII .....	38
5.1.1 <i>Registro: O contexto situacional</i> .....	38
5.1.2 <i>Análise da Metafunção Ideacional em Clara dos Anjos</i> .....	39
5.2 Análise do capítulo II .....	41
5.2.1 <i>Registro: O contexto situacional</i> .....	41
5.2.2 <i>Análise da Metafunção Ideacional em Cassi Jones</i> .....	41
5.3 Análise da Avaliatividade .....	45
5.3.1 <i>Análise da Avaliatividade em Clara dos Anjos</i> .....	46

5.3.2 <i>Análise da Avaliatividade em Cassi Jones</i> .....	47
5.4 <i>Análise dos Princípios de Identidade</i> .....	50
5.4.1 <i>Análise dos Princípios de identidade em Clara dos Anjos</i> .....	51
5.4.2 <i>Análise dos Princípios de Identidade em Cassi Jones</i> .....	52
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>57</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>59</b>

# A DISCRIMINAÇÃO EM *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO, À LUZ DA AVALIATIVIDADE: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

## 1 INTRODUÇÃO

O desejo de envolver em um mesmo estudo a literatura e a linguística há muito se encontrava em mim. Se a literatura é a arte da palavra, como não incluir os conhecimentos que vêm da linguística para entender o modo como se faz essa arte?

Uma das obras literárias que, a meu ver, merecia uma análise linguística era *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Esse romance, ao contrário de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, não tem sido muito estudado e, talvez, nunca tenha sido solicitado em exames vestibulares do País. Segundo Silva (1981), *Clara dos Anjos*, cujos personagens retratam a eterna desigualdade humana, eleva-se, em muitos passos, à categoria dos melhores romances nacionais antes e depois da Semana de Arte Moderna. Vejo, ainda, em *Clara dos Anjos*, um retrato das agruras que o próprio autor experienciou, um documento importante da realidade sócio-histórica relatado por quem sofreu na pele o preconceito racial. Afirma Bosi (2003) que as humilhações do mulato estão encarnadas em Clara dos Anjos, moça pobre de subúrbio, seduzida e desprezada por um rapaz de extração burguesa. Embora a obra trate de assunto penoso, e Lima Barreto não economize em vocabulário monoglóstico e de cru realismo, meus alunos do ensino médio, quando leram a obra, sentiram não só empatia por alguns personagens, mas também se condoeram pela sua sorte. Esse fato aponta para um grande escritor, que, por meio da arte, transfigura a realidade de tal forma que, ao mesmo tempo em que provoca simpatia em seu leitor, não deixa despercebida a dura realidade daqueles que vive à sombra da sociedade. Assusta-me ver que os próprios personagens aceitam essa identidade imposta pela sociedade. Como se processaria o estabelecimento dessa identidade?

De acordo com Fabrício (2006), ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva. Não há neutralidade nas nossas práticas discursivas, pois estas envolvem escolhas ideológicas e políticas que podem provocar diferentes efeitos na sociedade. Todavia, segundo afirma Fairclough (2001), as pessoas nem sempre têm consciência das dimensões ideológicas de sua prática. Essa é uma razão para se

defender uma modalidade de educação linguística que enfatize a consciência crítica nos processos ideológicos no discurso, para que as pessoas estejam atentas em relação aos discursos a que são submetidas.

Existem inúmeras pesquisas no Brasil sobre a obra de Lima Barreto, como a de Nolasco-Freire (2005) e Antonio Howaiss (1956), que tecem importantes considerações ressaltando o caráter inovador da linguagem do escritor; contudo, a maioria é de cunho literário. Assim, quando entrei em contato com as propostas da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY 1994, 2004), vi ali os elementos que me possibilitariam uma análise sistemática da linguagem, capaz de desvendar ou clarificar significados, na interface entre literatura e linguística de uma obra literária, no caso, *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto.

Compartilhando ainda com a afirmação de Fabrício (2006) de que não devemos almejar o saber pelo saber deslocado de compromissos éticos, e cientes de que nossas construções devem objetivar uma vida melhor, a presente pesquisa torna-se imprescindível para minha atuação como educadora consciente da responsabilidade na construção e transformação da criticidade nos educandos, possibilitando a eles, por meio de uma leitura crítica do gênero discursivo romance, a ressignificação dos conteúdos das obras literárias, tornando-os capazes de desnudar questões como a discriminação e identidade racial, igualmente presentes no mundo social em que estão inseridos. Veja o contexto em que nasceu o romance *Clara dos Anjos*.

Durante as primeiras duas décadas do século XX, enquanto a Europa se via invadida pelos movimentos das Vanguardas Modernistas, a literatura brasileira ainda se encontrava dominada pelos estilos surgidos no século anterior. Parnasianismo e Simbolismo predominavam na poesia, Realismo e Naturalismo na prosa.

Alguns escritores como, Graça Aranha (1868-1931), Simões Lopes Neto (1865-1916), Euclides da Cunha (1866 - 1909), Augusto dos Anjos (1884 - 1914), Lima Barreto (1881 - 1922) e Monteiro Lobato (1882-1948), no entanto, rompiam com essas quatro tendências, embora demonstrassem a coexistência de traços conservadores e inovadores no estilo de cada um, formaram o que didaticamente denominou-se Pré-Modernismo, antecipando, cada um a seu modo, as inovações que seriam propagadas pelos modernistas de 1922, problematizando a realidade social e cultural brasileira. Dentre esses escritores destacamos Lima Barreto e seu romance *Clara dos Anjos* (1922).

O Realismo/Naturalismo aparece no século XIX recebendo profunda influência de algumas teorias e doutrinas que estavam no auge naquele momento. Coutinho (1997) caracterizou como a “geração do materialismo”, denominadas de evolucionismo, determinismo, positivismo.

O Naturalismo considerava a vida do homem resultado de fatores externos (raça, ambiente familiar, classe social, etc.). Influenciado pelas ciências experimentais, o escritor naturalista tentava demonstrar, com rigor científico, que o comportamento humano estava sujeito a leis semelhantes às que regem os fenômenos físicos. Se o Realismo pretendia ser objetivo e imitar a realidade, o Naturalismo desejava fazer uma análise histórica, social e psicológica da realidade, um estudo profundo a partir de uma ampla documentação prévia, e são exatamente esses os aspectos que mais chamam à atenção na narrativa *Clara dos Anjos*.

Apesar de seu caráter inovador Lima Barreto foi influenciado pelo Realismo-Naturalismo na composição de sua obra *Clara dos Anjos*, fazendo-a cientificista e determinista, considerando que as ações humanas são produtos de leis naturais: do meio, das características hereditárias e do momento histórico.

Nesse sentido, a presente pesquisa propõe-se analisar a questão da discriminação no livro *Clara dos Anjos*, examinando as escolhas lexicogramaticais feitas por Lima Barreto, que, não só se posiciona em relação à questão sociorracial, mas também tenta obter a solidariedade do leitor, criando um quadro convincente da inconsciência dos negros em relação à sua própria servidão. Assim, a pesquisa busca discutir a forma como a discriminação sociorracial no século XIX afetou a obra do autor, examinando a questão da identidade, segundo Bucholtz e Hall (2005) e Snow (2001); e a importância do contexto ideológico, segundo Banks (2005).

Para essa tarefa, apoio-me em Li (2010), para quem as ideologias sociopolíticas ou socioculturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso. Ele traz a proposta de Van Dijk (1993, 1997), de uma abordagem da Análise do Discurso Crítica, que procura ligar o texto com o contexto, integrando a análise textual com processos de produção e de interpretação do discurso. Van Dijk relaciona, assim, a noção **macro** da ideologia às noções **micro** dos discursos e das práticas sociais de membros de grupo, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Para realizar essa empreitada, Li lança mão dos recursos oferecidos pela Linguística Sistêmico-Funcional (doravante, LSF).

Apoio-me, também, nos recursos dos estudos da semântica avaliativa - uma ampliação da Metafunção Interpessoal da LSF, com o sistema de *Appraisal* (Avaliatividade), e o faz a partir do enfoque da Linguística Crítica, de Fowler (1991), para quem, e também para Fairclough (1992), a LSF é a teoria mais adequada para a análise crítica do discurso.

A pesquisa visa responder às seguintes perguntas:

- (a) que escolhas lexicogramaticais são feitas por Lima Barreto para enfocar a questão da discriminação sociorracial em *Clara dos Anjos*?
- (b) como são caracterizadas essas escolhas do ponto de vista do sistema da Avaliatividade?
- (c) de que forma a LSF pode desnudar a ideologia que envolve a identidade sociorracial no romance?

Esta dissertação apresenta a seguinte estrutura:

No primeiro capítulo, exponho os preceitos teóricos que orientam a pesquisa. No segundo capítulo, apresento a vida de Lima Barreto, o panorama histórico e social do Brasil no século XIX e a obra *Clara dos Anjos*. No terceiro capítulo, abordo a fundamentação teórica. No quarto capítulo, exponho a metodologia adotada e o corpus da pesquisa. No quinto capítulo, faço a análise dos dados e discussão dos resultados. No sexto capítulo, trago as considerações finais, com apresentação dos resultados. Finalmente, apresento as referências utilizadas na dissertação.

## **2 LIMA BARRETO: PANORAMA HISTÓRICO E SOCIAL**

A obra de Lima Barreto é como um documento histórico que retrata o Brasil do século XIX. Afirma Prado (1980) que dois acontecimentos decisivos marcaram o panorama da vida política e social do país, quando Lima Barreto era apenas uma criança: a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889).

A Proclamação da República diluiria o clima eufórico de confraternização social, trazendo um duro período da legalização do regime, inaugurado com um golpe militar encabeçado por Deodoro da Fonseca. Os primeiros anos da República e a sucessão de presidentes formarão o pano de fundo da literatura engajada de Lima Barreto.

Lima Barreto presenciou a sucessão de vários presidentes: Afonso Pena (1909), Nilo Peçanha (1909-1910), Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), o início de um período crítico para a economia no governo de Venceslau Brás (1914-1918) que culminou com desemprego, greves, reivindicações de direitos políticos, tornando mais calamitosa à convivência com as injunções da Primeira Guerra Mundial.

A obra de Lima Barreto vista assim em confronto com a época, resulta numa espécie de combinatória irreverente de cada uma destas tendências. A obra se constrói entre dois mundos: o do tradicionalismo agrário, saudosista e reformador, e o do novo século, seduzido pela vanguarda e pelo irracionalismo, fecundado pelo dadaísmo e pelo cubismo, pela psicanálise e pelo relativismo de Einstein, pela Revolução Russa, anarquismo espanhol e sindicalismo fascista (PRADO 1980, apud BOSI 1970, p. 342/43).

A obra de Lima Barreto nos revela, de um lado, o autor em que se chocam, frente a frente, a visão do novo e a permanência do velho, e, de outro, o intelectual que traz consigo a voz do inconformismo apontando para a ruptura com a tradição, por meio de atitudes claramente favoráveis à renovação que viria a partir de 1922, com a Semana de Arte Moderna. Lima Barreto inaugura o desgaste dos velhos modelos e antecipa uma resistência significativa na transição para o Modernismo. Uma das características mais marcantes das obras de Lima Barreto é, sem dúvida, a questão da inovação da linguagem. Segundo Nolasco-Freire (2005) o escritor promove uma aproximação entre a literatura e o povo, e o faz por meio de uma linguagem equivalente ao público leitor ao qual a obra literária é destinada. Os

críticos da época acostumados com um modelo rigorosamente formal observavam na obra de Lima Barreto um “desleixo” e “uma falta de conhecimento da norma culta”, contudo não perceberam que essas eram as marcas de um processo de ruptura com os modelos vigentes.

Da estética naturalista o autor adota a visão determinista, para o qual “as deliberações morais são determinadas ou são resultado direto das condições psicológicas e outras de natureza física. O homem nada é senão uma máquina guiada por fatores sociais, físicos e hereditários” (COUTINHO 1997, p. 12/13). Para o escritor a obra literária tem o poder de atuar como elemento de transformação social, desse fato advém o seu interesse em representar o homem real.

O escritor mulato, Lima Barreto, nasceu em 1881, mesmo ano em que o também mulato Machado de Assis introduzia o Realismo na literatura nacional com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e Aluísio Azevedo inaugurava a Naturalismo no Brasil com o romance *O Mulato*. A questão do preconceito contra a mestiçagem, já denunciada na obra de Aluísio Azevedo, será fundamental no pensamento nacional entre a implantação do Naturalismo e a do Modernismo, em 1922, ano da morte de Lima Barreto. Até por razões pessoais, e por viver exatamente nesse período, sempre retratando o preconceito racial de forma crítica e até ressentida, o autor de *Clara dos Anjos* seria o escritor que mais sentiria (na pele) o problema e o retrataria com tintas mais ácidas na nossa literatura. Sérgio Buarque de Holanda (1978) é que melhor resume como essa temática se apresenta em *Clara dos Anjos*:

“Em Clara dos Anjos relata-se a estória de uma pobre mulata, filha de um carteiro de subúrbio, que apesar das cautelas excessivas da família, é iludida, seduzida e, como tantas outras, desprezada, enfim, por um rapaz de condição social menos humilde do que a sua. É uma estória onde se tenta pintar em cores ásperas o drama de tantas outras raparigas da mesma cor e do mesmo ambiente. O romancista procurou fazer de sua personagem uma figura apagada, de natureza "amorfa e pastosa", como se nela quisesse resumir a fatalidade que persegue tantas criaturas de sua casta: "A priori", diz Lima, "estão condenadas, e tudo e todos parecem condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social." É claro que os traços singulares, capazes de formar um verdadeiro "caráter" romanesco, dando-lhe relevo próprio e nitidez não de esbater-se aqui para melhor se ajustarem à regra genérica. “E Clara dos Anjos torna-se, assim, menos uma personagem do que um argumento vivo e um elemento para a denúncia.” (1995, p.42)

O historiador e crítico literário Buarque de Holanda (1978, p. 131), já apontava, ao escrever sobre *Clara dos Anjos*, que é muito difícil “escrever sobre os livros de Lima Barreto sem incorrer um pouco no pecado do biografismo”. Poucos escritores brasileiros foram tão obsessivos na investigação da temática do preconceito quanto Lima Barreto.

Alfredo Bosi (2003) afirma que a biografia do escritor explica o húnus da sua obra, assim, é importante relatar alguns aspectos da vida de Lima Barreto, para entender seu posicionamento no romance sob análise, *Clara dos Anjos*.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro. Era o filho mais velho do tipógrafo João Henriques e da professora primária Amália Augusta, ambos mulatos, o segundo filho do casal, e chegou ao mundo quando os pais atravessavam uma fase difícil: o pai ganhava pouco, a família aumentava, o colégio Santa Rosa tivera de fechar e, para completar, a mãe, com a saúde já abalada pelo primeiro parto, contraíra tuberculose. A pobre Amália faleceu quando Afonso tinha apenas seis anos e, assim, perdeu completamente a alegria de viver.

Lima Barreto passa com brilho pelo curso primário e pelos exames da Instituição Pública, que o habilitariam a fazer os primeiros preparatórios no Liceu Popular Niteroiense. Contudo, deprimido e solitário, com a vida dividida entre o internato e o asilo de loucos onde trabalhava seu pai, Lima Barreto, com menos de 15 anos, chega a pensar em suicídio. Em 1897, ingressa na Escola Politécnica pretendendo ser engenheiro, e passa a viver numa pensão da Rua do Ouvidor<sup>1</sup>. Segundo Faraco (1995), é na Politécnica que o adolescente sentiria na pele a aspereza do preconceito, visto que naquele reduto de jovens endinheirados, elegantes, ostentando sobrenomes famosos, o mulato Lima Barreto era um estranho. Fez um curso bem irregular colecionando reprovações, pois em vez de assistir às aulas, preferia ficar na biblioteca estudando Filosofia.

Em 1902, ainda estudante da faculdade, Lima Barreto começa a colaborar em *A Lanterna*, que se intitulava em artigo de fundo “órgão oficioso da mocidade de nossas escolas superiores”, sob os pseudônimos de Alfa Z e Momento de Inércia. E é nesse momento que passou a ficar conhecido entre os estudantes. Era perseguido

---

<sup>1</sup> Para o conhecimento detalhado da vida do escritor, ver Francisco de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, 5ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. Esta é a biografia mais bem escrita sobre o autor.

pelo professor Licínio Cardoso, sofria constantes reprovações injustas e experimentava a discriminação social, fatos esses, que impossibilitaram o jovem continuar com a vida estudantil. Aumentam seu sentimento de revolta, suas atitudes pessimistas e seu complexo de inferioridade. Como agravante, nessa época seu pai enlouquece.

Em 1904, inicia a primeira versão do romance *Clara dos Anjos*. Frustrado com a profissão de amanuense começa beber, frequentar cafés, livrarias e redações de jornais do Rio de Janeiro. Por esses caminhos chegou como jornalista profissional ao Correio da Manhã, o jornal mais importante do Rio naquele tempo. Em 1909, publica seu primeiro romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, trabalho elogiado até por José Veríssimo. O romance satirizava a imprensa e fugia aos padrões de linguagem da época. Os jornais jamais noticiaram o aparecimento do romance, o que feriu profundamente o escritor. Começa em 1911, a publicar, em folhetins, o seu mais conhecido romance, *Triste fim de Policarpo Quaresma* denunciando os costumes da época numa linguagem despojada e inconformista. Inicia uma fase de intenso trabalho, porém marcada por muitas dificuldades familiares. Em agosto de 1914 ocorre seu primeiro recolhimento ao hospício devido ao alcoolismo.

Internou-se em 1918 para novo tratamento de saúde e, em seguida, solicitou aposentadoria do cargo do Ministério de Guerra, que foi concedida pelos médicos mediante diagnóstico médico de “invalidez para o serviço público”. Em 1919, surgiu o novo romance, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, para muitos de seus críticos sua melhor obra.

A segunda versão do romance *Clara dos Anjos*, em 1922, além de uma série de estudos e contos foram, talvez, as últimas manifestações literárias do escritor. A doença, a miséria, os delírios do pai louco se encarregaram de esgotar as forças de Lima Barreto, que morre dia 1º de novembro de 1922, no Rio de Janeiro, vítima de um colapso cardíaco. Suas obras, romances e contos, têm sido traduzidos para o inglês, francês, russo, espanhol, tcheco, japonês e alemão.

## 2.1 Clara dos Anjos

Concluído em 1922, ano da morte de Afonso Henriques Lima Barreto, o romance *Clara dos Anjos* é uma denúncia áspera da discriminação sociorracial, vivenciado por uma jovem mulher do subúrbio carioca.

De acordo com o crítico literário Prado (1980), o romance, que tem como título a personagem principal, narra a história de uma pobre mulata, filha de um carteiro de subúrbio, Joaquim dos Anjos, que nas horas vagas, se dedicava a serenata e aos solos de flauta. Levando modesta vida de subúrbio, ao lado da esposa dona Engrácia e da filha Clara, o mais que fazia, além das tarefas postais e da música, era passar as tardes de domingo jogando solo com dois amigos da casa, o compadre Marramaque e o português Eduardo Lafões.

Por insistência de Lafões, o carteiro Joaquim dos Anjos passou a receber em casa um estranho pretendente a sua filha Clara: Cassi Jones de Azevedo, um perigoso tipo suburbano que usava pastinha no cabelo e gastava seu tempo tocando violão, seduzindo mulheres e apostando em briga de galos. Acobertado pela família, sobretudo a mãe, que não queria ver seu filho desonrado numa cadeia, Cassi Jones conseguia subornar a polícia e continuar impune, apesar de perseguido pelos jornais e de ter levado ao suicídio a mãe de uma de suas vítimas.

Mesmo com todo o cuidado da família, Clara passa a trocar cartas de amor com Cassi por intermédio de Meneses, amigo da família, que fora pressionado pelo conquistador. O padrinho convence o pai de Clara a não receber Cassi em sua casa e o resultado é uma vingança brutal: Marramaque é assassinado por Cassi e um capanga. Clara, que já suspeitava das ameaças do namorado ao padrinho, passa a temê-lo e não consegue mais evitá-lo, tanto mais quando Cassi lhe confessa que matou por amor.

Aproveitando-se dessa circunstância, Cassi Jones seduz, afinal, a filha do carteiro e desaparece, deixando-a grávida. Joaquim dos Anjos, sem desconfiar do que se passava, permanece aferrado à rotina da flauta e das serenatas. Uma vizinha, porém, percebe o estado de Clara e a convence a abrir-se com sua mãe. Somente agora é que ela passa a ter “noção exata da sua situação na sociedade”, pois, é levada perante a família de Cassi, para uma eventual “reparação do dano”, é

humilhada pela mãe de seu agressor, que se considera insultada pelo simples fato de ter uma negra manifestado desejos de casar-se com seu filho.

A cena final é pungente: mostra Clara abraçando fortemente sua mãe e dizendo-lhe, desesperada: “Mamãe! Mamãe! – Que é minha filha? – Nós não somos nada nesta vida”. Lima Barreto revela-se um crítico mordaz em todos os níveis de sua narrativa.

Vários rascunhos mostram que a obra deveria ser mais vasta e abranger aspectos da história da escravidão negra no Brasil e suas consequências após a abolição, incluindo o drama de muitas gerações de mulheres do mesmo meio e cor que constitui o eixo central dessa narrativa. Contudo, tornando-se restrita quase que à história da jovem mulata *Clara dos Anjos*, conserva-se nela a intenção inicial (FIGUEIREDO 1995) de denúncia do preconceito sociorracial da sociedade brasileira, tema que acompanha grande parte da criação literária de Lima Barreto.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O objetivo deste item é apresentar os pontos principais da Linguística Crítica (FOWLER 1991), que indica a metodologia analítica da LSF, de Halliday (1994) e seus colaboradores, cuja Metafunção Interpessoal foi ampliada com a noção de Avaliatividade, de Martin (2000). Por outro lado, segundo Banks (2005), embora a LSF tenha examinado os contextos sociais, nos seus ramos: (a) cultural, através da noção de *gênero* e (b) situacional, através da noção de *registro*, ela não examinou o contexto ideológico. Essa questão terá apoio nas propostas de Bucholts e Hall (2005) e nas discussões sobre identidade coletiva apresentadas por Snow (2001). A análise conta também com o apoio de Li (2010), que relaciona a noção **macro** da ideologia às noções **micro** dos discursos e das práticas sociais de membros de grupo, com base em proposta de Van Dijk (1993, 1997), em uma abordagem da Análise do Discurso Crítica. Li, em sua análise, apoia-se também na LSF. Por outro lado, a questão da importância do delineamento do contexto de situação com a finalidade de diminuir a subjetividade das avaliações no texto é sugerida por Goatly (1997).

Início com a explicação da noção de Linguística Crítica, que será importante para a análise de *Clara dos Anjos*, na medida em que associa a questão da ideologia e da identidade com as escolhas linguísticas feitas pelo seu autor.

#### 3.1 A Linguística Crítica

A Análise do Discurso Crítica, no campo das pesquisas em linguagem, é uma vertente que procura estudar o discurso como elemento socialmente constituído e constitutivo, desvendando seus efeitos ideológicos e sua naturalização. Segundo Caldas-Coulthard (1997), embora Bakhtin/Voloshinov em publicação de 1929<sup>2</sup> tenha estabelecido no início do século XX os princípios para uma análise crítica, e Firth (1935) tenha sugerido que a língua é não só um modo de uma pessoa se comportar, mas também de fazer os outros se comportarem, somente nos anos oitenta a orientação crítica começou a se impor.

---

<sup>2</sup> Traduzido para o francês em 1977. Esta tradução apoiou-se em outra, americana, de 1973. [Ver as referências ao final do texto.]

A abordagem crítica inclui a Linguística Crítica, de Fowler et al. (1979, 1991), o trabalho de Fairclough sobre linguagem e poder (1989, 1992), a abordagem da Análise do Discurso desenvolvida por Pêcheux (1982), estudos culturais desenvolvidos mais recentemente (SCANELL, 1991) e os trabalhos sobre linguagem e gênero social (CAMERON, 1985, 1990; CALDAS-COUTHARD e COUTHARD, 1996; entre outros).

A Linguística Crítica foi desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia, Inglaterra, na década de 1970 (FOWLER et al., 1979; KRESS e HODGE, 1979). Segundo Fairclough (1992, p. 46) eles tentaram articular um método de análise linguística e textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria linguística funcionalista associada a Michael Halliday (1978, 1985) e conhecida como Linguística Sistêmico-Funcional.

Segundo Fairclough, a Linguística Crítica, devido às suas origens disciplinares, procurou distinguir-se da linguística vigente na época, muito mais submetida ao paradigma chomskyano do que agora, e também da sociolinguística (ver FOWLER et al., 1979, p. 185-195). Em termos gerais, ela rejeitou o tratamento dos sistemas linguísticos como autônomos e independentes do “uso” da linguagem e a separação entre “significado” e “estilo”. O questionamento dos linguistas críticos à sociolinguística centra-se no fato de que ela, embora estabeleça a correlação entre linguagem e sociedade, não vai muito além disso. Não busca desvendar os elos causais que estão na base dessa relação, tais como os efeitos da linguagem na sociedade, não dando conta, portanto, do fato de que: “a linguagem serve para confirmar e consolidar as organizações que a moldam” (FOWLER et al., 1979, p. 190). Na Linguística Crítica, a “hipótese Sapir-Whorf”, de que a linguagem incorpora visões de mundo particulares, é acatada e estendida, entendendo-se, assim, que todo texto incorpora ideologias. O objetivo dessa abordagem é a “interpretação crítica” de textos: “a recuperação dos sentidos sociais expressos no discurso pela análise das estruturas linguísticas à luz dos contextos interacionais e sociais mais amplos” (FOWLER et al., 1979, p. 195-196).

Todos reconhecem a importância da língua nesse processo de construção, mas na prática, segundo Fowler, a língua recebe um tratamento relativamente pequeno. Por isso, é seu objetivo dar à língua a devida importância, não somente como um elemento de análise, mas também como um modo de expressar uma teoria geral da representação.

O ponto teórico principal na análise de Fowler é o de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica; seleção lexical, opção sintática, etc., todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação).

Sabe-se que a linguística, segundo a ortodoxia predominante, é uma disciplina *descritiva*, que não prescreve o uso da língua nem avalia negativamente a substância de seus questionamentos. Mas, para Fowler, na medida em que sempre há valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores - meta da Linguística Crítica.

A análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. Ela procura, estudando detalhes da estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer, para o nível da consciência, os padrões de crenças e valores codificados na língua – que estão subjacentes à notícia e que são invisíveis para quem aceita o discurso como algo “natural”.

Passo a tratar da Linguística Sistêmico-Funcional, uma teoria que, por sua característica multifuncional, tem servido de apoio a vários tipos de análise linguística. O que distingue a sistêmica é que ela procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

### **3.2 A Linguística Sistêmico-Funcional: Língua e contexto**

A língua é entendida como uma "rede de opções entrelaçadas" (Halliday, 1994:xiv) pela LSF, e uma gramática do **significado**, segundo Li (2010). A LSF vê a língua como um sistema de significados realizados por meio de **funções** realizadas através do rico recurso de opções gramaticais selecionadas pelo usuário da língua. Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente.

Para Halliday (1985), a língua está estruturada para construir três tipos de significados simultâneos: **experencial**, **interpessoal** e **textual**, que se referem respectivamente: (a) à estruturação e à apresentação da informação; (b) à expressão das interações; (c) e à incorporação de tipos de experiência, percepção e consciência na língua.

Essa fusão é possível porque a língua é um sistema semiótico, ou seja, um código convencionalizado organizado como um conjunto de escolhas. Assim, as Metafunções agem juntas: cada palavra que dizemos realiza as três Metafunções. Sendo assim, tudo que expressamos linguisticamente quer dizer, simultaneamente, três coisas: alguma coisa (Ideacional) dita a alguém (Interpessoal) de algum modo (Textual). Essa simultaneidade é possível, diz Halliday (1994), porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a lexicogramática. É esse nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

Por outro lado, a visão funcional da LSF das escolhas linguísticas como índices de significados cruza com a Análise do Discurso Crítica: ambas são guiadas pela suposição subjacente de que as formas linguísticas e as escolhas expressam significados ideológicos.

A LSF oferece um instrumento analítico específico para o exame sistemático das relações de poder no texto bem como das motivações, propósitos, suposições e interesse dos produtores do texto. Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível da oração mais do que no macronível do discurso, a LSF é especialmente útil para uma análise sistemática, com enfoque nos traços linguísticos no micronível dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados no texto.

### *3.2.1 Língua e Contexto*

A LSF explica o modo como os significados são construídos nas interações linguísticas do dia-a-dia, e por isso leva em conta o contexto cultural e social em que ocorrem a fim de entender a qualidade dos textos: por que um texto significa o que significa, e por que ele é avaliado como o é. Língua e contexto estão inter-

relacionados, tanto que sem um contexto não somos capazes, em geral, de dizer que significado está sendo construído. Portanto, ao fazermos perguntas funcionais, não é suficiente enfocarmos somente a língua, mas a língua usada em um contexto. Mas quais as feições desse contexto afetam o uso da língua? Para responder a essa questão, os systemicistas lançam mão de dois conceitos: Registro e Gênero.

O Registro descreve a influência das dimensões do contexto situacional imediato sobre a língua. Tais dimensões são: **Campo** (assunto: a língua usada para uma receita de bolo é diferente da usada para falar de linguística); **Relação** (os interlocutores: a língua usada para falar com o chefe é diferente da usada para falar com um amigo) e **Modo** (modalidade linguística: ex.: a língua falada é diferente da escrita). As três variáveis contextuais de Registro – Campo, Relações e Modo – são, por sua vez, organizados pelas metafunções - Ideacional, Interpessoal e Textual (HALLIDAY 1978).

A propósito, Goatly (1997) sugere o estabelecimento das variáveis de Registro para garantir o contexto situacional, em especial na análise da avaliação do discurso, para assim diminuir a subjetividade que cerca esse tipo de questão.

O Gênero descreve a influência das dimensões do contexto cultural sobre a língua. Para Martin (1984: 25), gênero é uma atividade, organizada em estágios, orientada para uma finalidade na qual os falantes se envolvem como membros de uma determinada cultura. Grande parte do choque cultural é de fato choque de gênero, diz o autor.

### 3.2.2 *A Metafunção Ideacional*

As línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior, diz Halliday (1994). Aqui novamente a oração tem um papel central, porque ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência – ou seja, o princípio de que a realidade é feita de PROCESSOS.

Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste de “eventos” – acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se, continua o autor. Todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração. A oração é um Modo de reflexão, de ordenação da variação infinita do fluxo de eventos, fato que é

alcançado pelo sistema da TRANSITIVIDADE, composto de Participantes, Processos e Circunstâncias. O sistema de Transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de TIPOS DE PROCESSOS.

Há uma básica diferença, da qual nos tornamos conscientes bem cedo na vida (três para quatro meses), entre experiência interna e externa: entre o que experienciamos como acontecendo “lá fora”, no mundo que nos cerca, e o que experienciamos como acontecendo dentro de nós mesmos, no mundo da consciência e da imaginação. A gramática estabelece uma descontinuidade entre elas: distingue bem claramente, por meio de categorias gramaticais, entre experiência externa (processos MATERIAIS) e a experiência interna (processos MENTAIS); a gramática reconhece também outros processos: de classificação e identificação (RELACIONAIS); de manifestações exteriores de atividades internas (COMPORTAMENTAIS); de Relações simbólicas construídas na consciência humana e efetivadas na língua (VERBAIS); e de fenômenos reconhecidos como 'ser' – existir, ou acontecer (EXISTENCIAIS).

Veja, a seguir, no Quadro 1, Os Processos e os respectivos Participantes e Circunstâncias.

PROCESSO	PARTICIPANTES				C I R C U N S T Â N C I A S
<b>MATERIAL</b> (fazer)	<b>Ator</b>	<b>Meta</b>	<b>Alcance</b>	<b>Beneficiário</b>	
<b>COMPORTA-MENTAL</b> [entre material e mental]	<b>Comportante</b>				
<b>MENTAL</b> (sentir, pensar, perceber)	<b>Experienciador</b> (humano)	<b>Fenômeno</b> (fato/coisa)			
<b>EXISTENCIAL</b> (existir/acontecer)	<b>Existente</b>				
<b>RELACIONAL</b> (ser)	<b>Portador</b>	<b>Atributo</b>			
	<b>Identificador</b>	<b>Identificado</b>			
<b>VERBAL</b> (dizer)	<b>Dizente</b>	<b>Verbiagem</b> (o que é dito)	<b>Receptor</b>	<b>Alvo</b>	

Quadro 1 - O sistema da Transitividade (adaptado de: HALLIDAY, 1994)

### 3.2.3 A Metafunção Interpessoal - Mood e Modalidade

Para Halliday (1994), a oração está organizada como um evento interativo, envolvendo falante (ou escritor) e audiência. Os tipos fundamentais de papel de fala são apenas dois: (i) dar, e (ii) pedir; e, além disso, esses tipos se relacionam com a natureza do produto que está sendo permutado: (a) *bens & serviços* ou (b) *informação*.

O componente Interpessoal abrange os sistemas gramaticais de:

- (a) **MOOD** (estabelece relações entre papéis de falante e ouvinte, através de verbos modais ou adjuntos modais) [função: INTERAÇÃO] e também o tempo primário a modalidade.
- (b) **MODALIDADE** (expressa a avaliação dos interlocutores sobre o conteúdo da mensagem). Halliday (1985, p.163-164) menciona também os epítetos atitudinais [função: PESSOAL].

**MODALIDADE** (entre sim e não)

SIM	<b>Proposição</b> Informação		<b>Proposta</b> Bens & Serviços		NÃO
	<b>MODALIDADE</b>				
	MODALIZAÇÃO		MODULAÇÃO		
	probabilidade <sup>3</sup>	Frequência	obrigação <sup>4</sup>	inclinação	
	<i> Talvez </i>	<i> Geralmente </i>	<i> Deve </i>	<i> quero </i>	

Quadro 2 – Modalidade

Autores como Lemke (1992, p. 86) notam que esta abordagem tende a confundir as funções interpessoais e a função do “intrometimento” pessoal. Assim, Thompson & Thetela (1995) propõem que se faça uma distinção no interior da Metafunção Interpessoal, e vendo-o como abrangendo duas funções relacionadas, mas relativamente independentes: a **pessoal** e a **interacional**, além do **interativo** para guiar o leitor através do texto: *em resumo, como dissemos antes, resumindo* etc. Dos três significados, a Metafunção Interpessoal tem sido o mais examinado

<sup>3</sup> Ou modalidade epistêmica

<sup>4</sup> Ou modalidade deôntica

pelos sistemicistas. Assim, Martin (2000) propõe o sistema da Avaliatividade, que apresento a seguir, em acréscimo à modalidade acima apresentada.

### **3.3 A Avaliatividade (*APPRAISAL*)**

Os recursos de Avaliatividade desempenham papel importante na negociação da solidariedade. Assim como é impossível incluir sem excluir, assim também é impossível avaliar sem correr o risco de expressar ou não a empatia em relação a um fato. Um texto não é uma ilha, no que tange à relação entre Avaliatividade e solidariedade, diz Martin. A distribuição dos recursos, como uma parte integral da negociação de significados que se desenrolam, demonstra os Modos pelos quais diferentes contextos acarretam diferentes combinações de opções, e como os falantes podem explorar diferentes séries de Avaliatividade para construir personas específicas. Martin diz que a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento pessoal, mas também uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

Martin (2000) enfoca a Metafunção Interpessoal e afirma que, na LSF (Halliday, 1994), a Metafunção Interpessoal tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que MOOD e MODALIDADE servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos (da função de fala, estrutura de troca, etc. Halliday 1984; Ventola 1987, apud Martin, 2000). A tradição-baseada-na-gramática tem focalizado o diálogo como uma troca de bens & serviços ou informação.

O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF, diz ele, é a semântica da avaliação – como os interlocutores estão sentindo, os julgamentos que eles fazem e o valor que eles põem em vários fenômenos de sua experiência. Juntamente com modelos baseados na gramática, então, precisamos elaborar sistemas lexicalmente orientados que tratem também desses elementos.

Martin (2000) examina o léxico avaliativo que expressa à opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da LSF. O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial é chamado Avaliatividade (*APPRAISAL*).

O sistema de Avaliatividade é constituído por três principais sistemas:

- (a) **ATITUDE**, que envolve três subsistemas, a saber:
  - (i) AFETO, que trata da expressão da emoção (felicidade, medo, etc.);
  - (ii) JULGAMENTO, que trata da avaliação moral do comportamento (honestidade, bondade, etc.); e
  - (iii) APRECIÇÃO, que trata da avaliação estética (sutiliza, beleza, etc.).A AVALIAÇÃO SOCIAL, que é uma subcategoria de APRECIÇÃO, refere-se à avaliação positiva e negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

Esses subsistemas se ligam a dois outros:

- (b) **COMPROMISSO**, que trata do grau de compromisso do escritor à avaliação que expressa, o que é feito através da modalidade e sistemas relacionados. O Compromisso foi detidamente estudado por White (2003). E, finalmente,
- (c) **GRADUAÇÃO**, que trata dos recursos para intensificar ou minimizar a força da avaliação (aumentando ou diminuindo) ou o foco da avaliação (aguçando ou amenizando).

O autor está interessado em mostrar que a avaliação (explícita ou implícita) é complexa para operar, mas que pode ser reduzida a um pequeno número de conjuntos básicos de opções: o que parece ser, a princípio, um grupo variado intratável de itens lexicais, pode ser sistematizado. Martin afirma que a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento pessoal, mas uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

Uma ligação do sistema da Avaliatividade se faz através do conceito de **redundância**:

<i>O filme era muito triste.</i>	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i>
Com processo relacional + apreciação	Com processo mental

Quadro 3 - Redundância

Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante:

<b>Avaliatividade inscrita</b>	A avaliação está explícita no texto ( <i>menino brilhante, menino malvado</i> )
<b>Avaliatividade evocada</b>	A avaliação é projetada por referência a eventos ou estados que são ou não convencionalmente elogiados ( <i>um menino que lê muito</i> ) ou rejeitados ( <i>um menino que arranca as asas da borboleta</i> )

Quadro 4 – Tipos de Avaliatividade

Continuando, diz Martin que, quando a avaliação é realizada explicitamente, é fácil analisar uma atitude sobre um evento como positiva ou negativa. Mas, há casos em que a avaliação não é realizada de maneira explícita como em: *Maria confrontou a autoridade*. Diz ele que, em casos como esse, a decisão pela Avaliatividade de Afeto - se positiva, se negativa - depende da posição de leitura.

Este fato levou Martin a postular uma distinção importante entre Avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita). Nesse sentido, o autor propõe a noção de *token* de atitude para denominar o modo pelo qual o significado ideacional pode ser “saturado” em termos avaliativos, ou seja, interpessoais. A propósito, Martin (2003: 173) diz: “o apego a categorias explícitas significa que uma grande quantidade de atitude implícita pelos textos será perdida”.

Os *tokens* de atitude são também sujeitos à influência do contexto, continua o autor, e uma estratégia importante no estabelecimento de posicionamento interpessoal num texto é colocar avaliações inscritas e evocadas de tal modo que o leitor partilha da interpretação do escritor sobre os *tokens* do texto. É assim que, evocado por uma descrição de um *token*, um Julgamento, por exemplo, pode se tornar tão naturalizado numa dada situação cultural que é provável que seja considerado como Julgamento explícito em vez de implícito.

### 3.3.1 A logogênese: O fenômeno da propagação avaliativa

Com relação à Avaliatividade, diz Lemke (1998) que uma das funções básicas da língua é a criação de relações interpessoais entre falante e ouvinte através do modo pelo qual um texto é expresso (escolhas lexicogramaticais). Os atos de fala indicam se o falante está oferecendo, pedindo, ajudando ou atacando, criando solidariedade ou distância social. Mas, qualquer coisa que digamos sobre o mundo incluirá também o nosso ponto de vista sobre a coisa declarada: se acreditamos nela, se ela é provável, desejável, importante, permitida, surpreendente, séria ou compreensível.

Assim, para caracterizar as relações 'axiológicas' (ao lado da informação propriamente dita) (BAKHTIN 1935), não basta o apoio do sistema da Metafunção Interpessoal, como preconizada por Halliday (1985), pois quando falamos não apenas criamos relações de oferta e demanda, solidariedade e distância, domínio e subordinação, etc. com os interlocutores, mas também construímos atitudes e avaliações em relação ao nosso próprio discurso e ao de outros. Se considerarmos os avaliadores como operadores semânticos, e perguntarmos o seu escopo, até onde precisamente a avaliação se estende, veremos que em geral os avaliadores se propagam ou se ramificam através do texto, seguindo elos gramaticais e lógicos que o organizam como um texto estruturado e coesivo, em oposição a uma mera sequência de palavras e orações desconectadas.

Dentro da oração, a avaliação em relação a um elemento estrutural (*Participante, Processo, Circunstância*) pode-se transferir para outro elemento. Se excluirmos os avaliadores explícitos que trabalham desse modo (Atributos atitudinais/Epítetos que avaliam seu portador/coisa, Auxiliares que modalizam seu verbo principal, e Nomes-Processos derivados de verbos de avaliação explícita), há ainda vários outros fenômenos. É interessante que a Polaridade dessas avaliações pode ser revertida durante a propagação (o Grau normalmente se propaga sem mudança) por meio de várias locuções (Halliday, 1994; Martin, 2000; 2003).

Os leitores também são sensíveis a síndromes ou complexos de significado atitudinal e aos modos como confirmam, opõem-se ou transformam escolhas de palavras em outros locais do texto. Essas configurações de escolhas avaliativas relevantes criam o que Thompson (1998) denomina '**ressonância**' – uma harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis

com qualquer outra escolha, consideradas isoladamente. Como será observado na análise da Avaliatividade, as expressões de Atitude evocadas [implícitas] e inscritas [explícitas] entram numa espécie de dança através do texto criando um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. Outros perceberam esse fenômeno em estudos de avaliação. Assim, por exemplo, Hunston e Thompson (2000) falam sobre a complexidade de sua realização em diferentes discursos e Lemke (1998) sobre a qualidade **propagativa** da avaliação, e Matthiessen fala em **logogênese**. A esse respeito – embora algumas partes do texto possam ser mais ou menos interpessoalmente salientes do que outras – é preciso ver todo o texto como aberto e produto de avaliação, seja ela implícita ou explícita.

### 3.3.2 O Compromisso

Apresento, a seguir, o subsistema de Compromisso, segundo White (2003). White inspira-se em Martin (1992, 1997), cuja categoria de COMPROMISSO (*engagement*) ele desenvolve, e, em Stubbs (1996), que estendeu a categoria de “modalidade” para além dos verbos modais, incluindo todas as palavras com as quais os escritores modulam sua adesão ou oposição à proposição.

Para examinar e descrever adequadamente a funcionalidade comunicativa desses recursos lexicogramaticais é necessário vê-los como fundamentalmente **dialógicos** ou **interativos**. Pelo uso de palavras como *talvez*, *tem sido afirmado que*, *naturalmente*, *eu acho*, a voz textual age, antes de tudo, para reconhecer, comprometer-se ou alinhar-se com posições que podem ser alternativas àquilo que está sendo dito no texto.

Sua abordagem refere-se a questões sempre levantadas na análise da semântica do discurso:

- (a) as relações de status, poder, contato social e solidariedade construídas no texto;
- (b) as escolhas lexicogramaticais que constroem os diferentes tipos de *personae* do autor; e
- (c) os meios pelos quais os textos constroem para si os leitores pretendidos, ideais e modelares.

Além disso, oferece uma taxonomia dos meios que evidenciam a forma como as vozes textuais se engajam com vozes alternativas, e ativamente representam o contexto comunicativo caracterizado pela diversidade heteroglóssica.

Em termos amplos, o autor distingue entre enunciados **monoglóssicos** (afirmações não-dialogizadas), e enunciados **heteroglóssicos** ou dialogísticos (nos quais se sinaliza algum compromisso com posições alternativas/voz).

Antes de prosseguir nesta apresentação, apresentarei o Quadro 5, sobre a Avaliatividade, em que destaco o lugar ocupado pela categoria de Compromisso.

APPRAISAL (Avaliatividade)	COMPROMISSO	Monoglóssico	
		Heteroglóssico	
	ATITUDE	Afeto	
		Julgamento	
		Apreciação	
	GRADUAÇÃO	Força	aumenta
			diminui
		Foco	aguça
			suaviza

Quadro 5 - Recursos de APPRAISAL (adaptado de: Martin 2003)

### (A) O COMPROMISSO MONOGLÓSSICO

Veja um exemplo com que White (2003) discute o compromisso monoglóssico:

- (1) *Há poucas situações mais nauseantes do que o líder da união comercial tentando dizer, "Eu bem que te disse".*

Essa avaliação (*nauseante*), diz o autor, é introduzida no texto através de afirmações pura e simples (*bare assertion*). Não há possibilidades de posições alternativas, as proposições são declaradas de maneira absoluta. Do ponto de vista da perspectiva bakhtiniana, essas afirmações são 'monoglóssicas' ou 'não-dialógicas' (BAKHTIN, 1935 [1981]:427).

O que isso significa em termos da retórica ou posição intersubjetiva? Embora muita pesquisa baseada em corpus seja ainda necessária, pode-se dizer que essas afirmações estão associadas ao 'conhecimento' consensual, ou seja, versões-de-eventos que são vistos como 'fatos' – isto é, as proposições são consideradas não problemáticas e geralmente 'conhecidas' ou 'aceitas' no contexto comunicativo corrente. São comuns onde há acordo subjacente em termos ontológicos, epistêmicos e axiológicos entre a voz textual e a audiência, em que esta opera supostamente com o mesmo conhecimento, crenças e valores emitidos pelas proposições. Myers (1990) observa que as afirmações monoglóssicas (não modalizadas) no discurso científico “não são afirmações sobre novos conhecimentos”, mas, ao contrário, afirmações sobre fatos e conhecimento já estabelecido.

E essas afirmações são apresentadas como dialogicamente inertes mesmo em contextos sociais em que poderiam ser contestadas, caso em que se recorrem a afirmações como 'Eu acredito firmemente', apoiando seu enunciado em sua própria subjetividade. Stubbs (1996) e Simon-Vandenberg (2000) mostraram que o significado ou a funcionalidade retórica de *Eu acho* varia de acordo com a natureza da proposição (i.e., 'fato' versus 'opinião') que ela modula. Para White, certos efeitos retóricos potenciais de posicionamento intersubjetivo devem-se a:

- (a) a combinação entre monoglossia com proposição avaliativa [a voz textual se constrói como tendo status e autoridade moral não somente para passar julgamento extremamente negativo, mas também para não reconhecer ponto de vista alternativo] e
- (b) a combinação de monoglossia com um tipo específico de avaliação (avaliação negativa direcionada a atores de relativa influência social e posição de valor amplamente aceita) [a voz textual constrói para si uma relação com o leitor projetado ou modelado, como solidário com ele].

## **(B) O COMPROMISSO HETEROGLÓSSICO: EXPANSÃO E CONTRAÇÃO DIALÓGICA**

### **(I) Expansão Dialógica**

Para explicar a expansão dialógica, White traz como exemplo a abertura de um debate, publicado no jornal *Courier-Mail*:

- (2) *O primeiro-ministro Peter Beattie quer que pensemos de que tipo de antirracista ele é?*
- (3) *Ou quer mostrar tolerância que é uma característica importante da sociedade australiana?*

Perguntas em textos escritos, unilaterais (para os quais, White emprega o termo 'perguntas retóricas') podem ser vistas como dialógicas porque simulam uma troca de turno interativa da comunicação oral. Mas também é dialógica porque desempenha duas funções:

- (i) apresentam uma proposição como uma dentre outras possibilidades;
- (ii) apresentam a proposição como sendo autoevidente, tal que nem precisaria ser afirmada pela voz textual, podendo ser deixada a cargo de o leitor suprir o significado requerido.

#### Pergunta do tipo (i):

- (4) *O homem à direita está no topo da lista dos mais procurados pelo FBI. A morte de Ramon Arellano Felix significaria o fim do cartel de drogas mais mortal do mundo?*

A pergunta é introduzida como uma simples possibilidade, como uma posição que deve ser considerada, mas com a qual o escritor não se compromete. A voz textual indica que alternativas são possíveis.

#### Pergunta do tipo (ii):

[sobre a guerra do Iraque, com foto de crianças acenando com flores]

- (5) *Devemos ir à guerra contra essas crianças?*

A pergunta leva o leitor a uma resposta 'óbvia'. A voz textual reveste-se de um ponto de vista 'de senso comum', o ponto de vista do leitor.

### ***Tipos de Expansão dialógica***

#### **ACOLHIDA**

A avaliação é dialógica: a voz textual é representada como acolhendo posições alternativas a outras referidas.

- (6) *Se nós estamos testemunhando um aumento da intolerância racial, talvez seja hora de perguntar se o aparelho antirracista todo que cresceu nas duas últimas décadas é contraproducente...*

#### **ATRIBUIÇÃO**

A voz textual recorre à atribuição/discurso indireto para apoiar o ponto de vista na subjetividade de alguma voz externa.

#### **(a) reconhecimento**

Recorre-se a uma voz como autoridade.

- (7) *O primeiro-ministro afirmou que leis antirracistas mais duras ....*

#### **(b) distanciamento**

Distanciar-se de afirmações para pô-la em dúvida abre mais lugar a alternativas

- (8) *O Comissariado Antidiscriminação de Queensland e seus correligionários afirmam ...*

#### **JUSTIFICAÇÃO**

Voz textual que toma uma 'posição argumentativa', em geral para justificar, substanciar proposições 'não-fatuais' (avaliação atitudinal, recomendações, predições). (*por conseguinte, assim, de acordo com, porque, por esta razão, eis por que*).

- (9) (i) *Esse pânico (moral) é invariavelmente baseado em bases questionáveis.*  
(ii) *Ou algumas afirmações ou incidentes estão sendo proclamados em proporções alarmantes, ou a definição de racismo está expandida de tal modo a cobrir uma série de novos pecados.*

## **(II) Contração Dialógica**

Consideremos as perguntas (2) e (3), que repetimos:

- (2) *O primeiro-ministro Peter Beattie quer que pensemos de que tipo de antirracista ele é?*  
(3) *Ou quer mostrar tolerância que é uma característica importante da sociedade australiana?*

Como um membro da sociedade australiana que conhece a política de seu país, White fica com a opção (3) [embora contenha forte avaliação negativa de que o ministro esteja somente interessado em sua própria popularidade], ou seja, ele sabe que compartilha da opinião do escritor.

### ***Tipos de Contração dialógica***

#### **PROCLAMAÇÃO**

A voz textual expressa um investimento pessoal elevado pelo ponto de vista expresso, contrariando, pois, alternativas opostas.

- (a) **acordo** [naturalmente, é claro) (ex.: O Ministro, é claro, quer que pensemos que...)  
(b) **pronunciamento** (demonstrar, mostrar, convincentemente, explicou com sucesso (intervenção explícita do autor) (pode ser retrospectiva ou prospectivamente dialógico) (ex.: *Eu contestaria que...*)  
(c) **endosso** (ex.: Como Hastie (um inglês com sua própria persuasão política) afirmou de maneira tão convincente...)

## REJEIÇÃO

O mais contrátil.

- (a) **negação** (a literatura mostra que ato negativo invoca ou ativa a positiva) (ex.: *Novas e duras legislações não resolverão...*)
- (b) **oposição** (ex.: O primeiro-ministro disse que duras leis contra antirracismo estão a caminho. Mas nós já possuímos leis contra comportamentos ameaçadores...)

O Quadro, a seguir, resume as categorias do sistema de Compromisso.

<b>Compromisso Monoglóssico</b>	
Não há possibilidades de posições alternativas, as proposições são declaradas de maneira absoluta.	
e.g. <i>Há poucas situações mais nauseantes do que o líder da união comercial tentando dizer, "Eu bem que te disse".</i>	
<b>Compromisso Heteroglóssico</b>	
Sinaliza algum compromisso com posições alternativas/voz.	
Expansão Dialógica	Contração Dialógica
<p>I. <b>ACOLHIDA</b> e.g. [...] <u>talvez</u> seja hora de perguntar se o aparato antirracista que cresceu nas últimas décadas tenha sido contra-producente...</p> <p>II. <b>ATRIBUIÇÃO</b> (1) <b>reconhecimento</b> e.g. O primeiro-ministro <u>afirmou</u> que leis antirracistas mais duras .... (2) <b>distanciamento</b> e.g. O Comissariado Antidiscriminação de Queensland e seus correligionários <u>afirmam</u> ...</p> <p>III. <b>JUSTIFICAÇÃO</b> Substanciar proposições 'não-fatuais' (avaliação atitudinal, recomendações, predições: <i>por conseguinte, assim, de acordo com, porque, por esta razão, eis por que</i>). e.g. Esse pânico (moral) é invariavelmente baseado em <u>bases questionáveis</u>. e.g. Ou algumas afirmações <u>ou</u> incidentes estão sendo proclamados em proporções alarmantes, <u>ou</u> a definição de racismo está expandida de tal modo a cobrir uma série de novos pecados.</p>	<p>I. <b>PROCLAMAÇÃO:</b> (1) <b>acordo</b> e.g. O Ministro, <u>é claro</u>, quer que pensemos que... (2) <b>pronunciamento</b> e.g. <i>Eu contestaria...</i> (3) <b>endosso</b> e.g. Como Hastie - um inglês com sua própria persuasão política - afirmou de maneira tão convincente...</p> <p>II. <b>REJEIÇÃO (Disclaim):</b> O mais contrátil. (1) <b>negação</b> e.g. a literatura mostra que ato negativo invoca ou ativa o positivo (ex.: <i>Novas e duras legislações <u>não</u> resolverão...</i>) (2) <b>oposição</b> e.g. <i>O primeiro-ministro disse que duras leis contra antirracismo estão a caminho. <u>Mas</u> nós já possuímos leis contra comportamentos ameaçadores.</i></p>

Quadro 6 - Resumo das subcategorias de Compromisso de White (2003)

Passo, a seguir, a examinar a questão da identidade e da ideologia, elementos que perpassam o romance *Clara dos Anjos*, para, depois, tratar de proposta que une esses conceitos com as escolhas linguísticas feitas pelo romancista.

### 3.4 A Identidade

O sociólogo Castells (2003, p.2) define identidade como a “fonte de significado e experiência de um povo”. Segundo o autor, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão em relação à construção da identidade é “como”, “a partir de quê”, “por quem”, e “para quê” isso ocorre, e esses fatores, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico da identidade. O autor afirma que a construção da identidade ocorre em contextos de relações de poder, sendo assim, propõe três formas de construção de identidade: *identidade legitimadora*, que é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade a fim de expandir e racionalizar a sua dominação; *identidade de resistência* criada por atores que se encontram em situações desvalorizadas ou estigmatizadas, e constitui foco de resistência face a uma opressão, ou seja, a construção de uma identidade defensiva nos termos das ideologias dominantes; e, *identidade de projeto* que consiste na construção de uma nova identidade capaz de redefinir posições na sociedade e provocar uma transformação na estrutura social. Há uma dinâmica para formação dessas identidades, por exemplo, identidades que começam como *resistência* podem resultar em *projeto* ou mesmo transformarem-se em *legitimadora*.

Bucholtz e Hall (2005) sintetizam trabalhos sobre a identidade de várias tradições para oferecer uma perspectiva linguística de cunho sociocultural da identidade - isto é, a que focaliza tanto os detalhes da língua quanto as atividades da cultura e da sociedade. Linguística sociocultural significa um amplo campo interdisciplinar referente à intersecção de língua, cultura e sociedade. Esse termo envolve subáreas da Sociolinguística, Antropolinguística, formas socialmente orientadas da análise do discurso (tal como a Análise da Conversação e a Análise do Discurso Crítica) e a psicologia social de orientação linguística, entre outras.

Os autores mostram que a identidade é construída situacionalmente como um produto de ação social. Dessa forma, as identidades são um processo contínuo, que

mudam e recombinaam para enfrentar novas circunstâncias. Para Snow (2001), a identidade é construída por um sentimento comum e interativo de “ação coletiva” de interesses comuns que convida os participantes a tomarem parte da ação.

Observando a identidade como um fenômeno cultural, social e interacional, os autores argumentam que sua conceituação, por se tratar de uma questão complexa, não pode ser contida em uma única análise e, que as diferentes teorias e metodologias que abordem o tema devem funcionar como complementares.

Os autores propõem um método para a análise da identidade, considerada como sendo constituída na interação linguística. Definem identidade como o posicionamento social do “self” e do outro.

Elas mostram que a identidade não emerge no nível analítico, mas opera simultaneamente em vários níveis. Assim, propõem juntar elementos da linguística sociocultural sobre identidade num modelo coerente que descreva o estado corrente da pesquisa e ofereça novas direções para a área. Elas apresentam cinco princípios que seriam fundamentais para o estudo da identidade (de emergência, de posição, de indexicalidade, de relacionalidade e de parcialidade).

Mas antes de apresentar os princípios da identidade, farei um parênteses para apresentar à questão da Identidade Coletiva. David Snow (2001) afirma que a identidade coletiva é constituída por um sentimento comum e interativo de “we-ness” e “ação coletiva” de interesses comuns que convida os participantes a tomarem parte da ação. Empiricamente, identidade coletiva pode aparecer em uma variedade de contextos, embora a preponderância de investigação tem incidido sobre a sua ligação ao gênero, etnia, religião, o nacionalismo e os movimentos sociais em particular. Analiticamente, a identidade coletiva geralmente tem sido discutida a partir de um primordial, estrutural e/ou construcionista ponto de vista. Abordagens primordiais e estruturais são discutidos como variantes do essencialismo, que é contrastado com o construcionismo. Entre outras coisas, construcionismo centra a atenção na expressão simbólica e manutenção de identidades coletivas. Trabalho de identidade (a expressão de identidades coletivas) fundamentais para a compreensão da identidade coletiva, particularmente do ponto de vista construcionista, são os processos através dos quais ele é criado, expressado, sustentado e modificado. Para o autor, as identidades sociais são fundamentais para a interação, pois estabelecem pontos de orientação do “outro” como objeto social e os situam no espaço social.

Retorno à questão dos cinco princípios propostos por Bucholtz e Hall (2005).

#### *3.4.1 O princípio da emergência*

Esse princípio trata a identidade como estando alojada na mente do indivíduo, tal que a única relação possível entre identidade e linguagem é o fato de a língua refletir o estado mental do indivíduo. Assim, essa visão descarta o contexto social em que a identidade é construída, mantida e alterada. A ideia da emergência foi promovida por Dell Hymes, cuja visão da performance linguística como dialógica e não monológica levou-o a procurar entender de 'estrutura como algo emergente em ação' (HYMES, 1975: 71). Ele ilustra a qualidade emergente da identidade através da fala de um hijra (transexual, na Índia), que não se identifica nem como homem, nem como mulher, mas que usa o Hindi (língua que marca o sistema de gênero) quando quer se distanciar da masculinidade, como quer sua família.

#### *3.4.2 O princípio da posição*

Esse princípio também desafia uma visão amplamente aceita da identidade, de que se trata de uma coleção de amplas categorias sociais (LABOV, 1966). Bucholtz e Hall (2005) acreditam que se devam acrescentar, também, categorias de identidade local e posições interacionais transitórias. Esse princípio compreende os papéis identitários como temporários e locais.

#### *3.4.3 O princípio da indexicalidade*

Enquanto os dois primeiros princípios caracterizam o status ontológico da identidade, esse princípio refere-se ao mecanismo pelo qual a identidade é constituída. Num sentido mais básico, um índice é uma forma linguística que depende do contexto interacional para o seu significado, tal como a primeira pessoa (SILVERSTEIN 1976). Bucholtz e Hall trazem um exemplo de rotulação de Chun (2001) do seu trabalho sobre identidade de homens coreanos norte-americanos,

enfocando o rótulo racial “whitey”, entendido como pejorativo, mas que assume diferentes valências na interação. Segundo a autora, ao contrário dos afroamericanos, a maioria dos asiáticos americanos não tem acesso a uma variedade de inglês investido com significado etnicamente específico. No exemplo, enquanto Eric rotula o colega de Tin como 'prototipicamente whitey', Tin descreve os 'whiteys dos guetos' como 'legais'. Nessa interação, adjetivos e predicação reorientam o significado social de "whitey", de um termo de referência racial fixa para uma categoria de identidade negociada intersubjetivamente. Meios menos diretos de instanciação de identidades incluem processos pragmáticos como a implicatura e a pressuposição, os quais requerem um trabalho inferencial adicional para sua interpretação.

#### *3.4.4 O princípio de relação*

Os três primeiros princípios descritos enfocam aspectos emergentes, posicionais e indexicais da identidade e sua produção. Com base nesses pontos, o quarto princípio enfatiza a identidade como um fenômeno relacional. Essa atenção à relacionalidade envolve duas metas: (a) verificar que as identidades não são autônomas ou independentes, mas adquirem sempre um significado social em relação a outras posições possíveis de identidade e outros atores sociais; e (b) questionar a visão amplamente aceita, mas simplificada em demasia das relações de identidade como se girassem em torno de um eixo único: igualdade e diferença.

O princípio de Bucholtz e Hall (2005) sugere uma série mais ampla de relações, que são forjadas através dos processos de identidade. As identidades são construídas intersubjetivamente através de muitas relações complementares, em geral superpostas, que incluem similaridade/diferença, autenticidade/artificialidade, autoridade/legitimidade.

#### *3.4.5 O princípio da parcialidade*

Esse princípio afirma que qualquer construção de identidade pode ser deliberada e intencional, ou habitual e desse modo menos consciente, em parte

produto da negociação e contestação interacional, também resultado das percepções e representações de outros, e em parte um efeito dos processos ideológicos e estruturas materiais que podem apresentar relevância para a interação. Esses aspectos, segundo as linguistas, estão constantemente mudando tanto no processo de desdobramento da interação quanto através dos contextos discursivos.

### **3.5 A ideologia**

Outro item da abordagem sistêmica, que trata do reconhecimento de que diferenças entre textos se devem ao reflexo de uma dimensão contextual mais abstrata, é a ideologia, isto é, posições de poder, de vieses políticos e suposições sobre o que os interlocutores trazem para seus textos. Porém, os systemicistas, em especial, Eggins e Martin (1997), em sua proposta da Teoria de Gêneros e Registro, não elaboram essa dimensão contextual. Quem o faz é Banks (2005).

Banks mostra, através do embasamento teórico da LSF, como as ideologias afetam diferentemente as metafunções semânticas dos textos. Sua pesquisa focaliza áreas de escolhas linguísticas, que refletem os diferentes modos pelos quais os escritores constroem o assunto. Advém dessa constatação a preocupação do linguista moderno buscar a ideologia nas metafunções, através da lexicogramática, pois, uma vez que ela é anterior e ulterior ao texto, é essencialmente detectada no nível semântico. Segundo o autor, as variáveis de Registro – Campo, Relação e Modo – não são suficientes para descrever o contexto da língua.

A ideologia, segundo Banks, é para ser entendida aqui nos termos da LSF, isto é, o conjunto de princípios, além da camada semântica e semiótica, que, em última análise, determina o uso da língua ('configuração mental' ou 'visão de mundo'). Desse ponto de vista, ela é moralmente neutra e todos os textos dependem de uma ideologia e, portanto, não no sentido da Análise do Discurso Crítica, onde é vista como eticamente indesejável (FAIRCLOUGH 1992; VAN DIJK 1993; FOWLER 1991; LEMKE 1998).

Um estudo que parece explicitar melhor a relação entre a ideologia e a linguística vem de Li (2010), que se apoia em van Dijk (1993) em sua proposta de unir a macroestrutura abstrata de um texto com a microestrutura concreta das realizações linguísticas. Essa relação, que permeará as análises do romance *Clara dos Anjos*, será apresentada a seguir.

### 3.5.1 *A ideologia e a microestrutura do discurso*

Segundo Li (2010), apesar da série de abordagens à Análise do Discurso Crítica (ADC), o que há de comum entre elas é a compreensão de como as ideologias sociopolíticas ou socioculturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso. Uma premissa básica de todas as formas da ADC é que o uso da língua no discurso implica significados ideológicos e que há restrições discursivas no que diz respeito ao uso da língua e aos significados implicados (VAN DIJK, 1993; FOWLER, 1996; FAIRCLOUGH, 1995). Van Dijk (1993, 1997), por exemplo, desenvolve uma abordagem da ADC que procura ligar o texto com o contexto, integrando a análise textual com processos de produção e de interpretação do discurso. Van Dijk (1985) oferece um modelo analítico de três níveis. O primeiro nível, a **superestrutura**, refere-se a esquemas textuais que desempenham um papel importante na compreensão e na produção do discurso. Incluídas aí estão a estrutura temática hierarquizada, a organização geral em termos de temas e tópicos, que envolve as **formas linguísticas** concretas do texto, como as escolhas lexicais, variações sintáticas ou fonológicas, relações semânticas entre proposições e traços retóricos e estilísticos. Essas formas linguísticas no nível superficial implicam significados no terceiro nível, a **estrutura profunda**. Aqui, o analista da ADC examina, por exemplo, posições ideológicas subjacentes expressas por certas estruturas sintáticas como as construções passivas, ao omitir ou ao desenfatar agentes da posição de sujeito ou atribuir maior poder a certos indivíduos ou grupos sociais por meio de escolhas retóricas específicas.

A abordagem de Van Dijk tenta relacionar a noção **macro** da ideologia às noções **micro** dos discursos e das práticas sociais de membros de grupo, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Essa abordagem da análise da ideologia e do discurso é especialmente

útil no exame do uso do discurso por diferentes grupos a fim de comunicar ideologias específicas para membros do grupo ou fora do grupo. Além disso, essa abordagem permite ao analista ver como os membros de diferentes grupos sociais podem articular e defender discursivamente suas ideologias para servir aos interesses do grupo. Por meio dessa análise, pode-se entender como diferentes grupos sociais são construídos e diferenciados com base na língua e na ideologia, e como eles adquirem e reproduzem ideologias através do discurso.

A abordagem de Van Dijk recorre a uma metodologia que se apoia na gramática da oração para explicar o modo como os traços da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades de grupo no nível profundo.

Li apoia-se no enquadre da LSF, de Halliday, já apresentada acima, mas cujos pontos de interesse da análise serão resumidos aqui. De acordo com a LSF, a língua é entendida como uma "rede de opções entrelaçadas" (Halliday, 1994, p. xiv), uma gramática do **significado**; a língua é vista como um sistema de significados realizados por meio de **funções** realizadas através do rico recurso de opções gramaticais selecionadas pelo usuário da língua. Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente. As funções da gramática, de acordo com Halliday, abrangem três sistemas de Metafunções inter-relacionados: o **Textual**, o **Interpessoal** e o **Ideacional**. Essas Metafunções referem-se à estruturação e à apresentação da informação; à expressão das interações; e à incorporação de tipos de experiência, percepção e consciência na língua. A visão funcional da LSF das escolhas linguísticas como índices de significados cruza com a Análise do Discurso Crítica: ambas são guiadas pela suposição subjacente de que as formas linguísticas e as escolhas expressam significados ideológicos. A LSF oferece um instrumento analítico específico para o exame sistemático das relações de poder no texto bem como das motivações, propósitos, suposições e interesse dos produtores do texto.

Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível da oração mais do que no macronível do discurso, a LSF é especialmente útil para uma análise sistemática, com enfoque nos traços linguísticos no micronível dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados.

Apresento, a seguir, um resumo da teoria que embasa a análise do romance, e do qual resultará a seleção das categorias de análise (tratados nos Procedimentos de Análise).

AS TEORIAS QUE EMBASAM A ANÁLISE				
Enfoque: <b>Linguística Crítica</b>				
(a) <u>ANÁLISE MACRO: Discriminação racial (Identidade e Ideologia)</u>				
<b>Identidade</b>	<u>Princípios</u>	Emergência - Posição - Indexicalidade - Relação – Parcialidade (Identidade Coletiva)		
<b>Ideologia</b>	<u>LSF</u>			
(b) <u>ANÁLISE MICRO: Escolhas lexicogramaticais</u>				
<b>Metafunções</b>	Ideacional	<b>Participantes</b>		
		<b>Processos</b>		
		<b>Circunstâncias</b>		
	Textual	<b>Estrutura linguística</b>		
	Interpessoal	<b>AVALIATIVIDADE</b> [explícita e implícita]	<b>Atitude</b>	Afeto
				Julgamento
				Apreciação
<b>Compromisso</b>			Monoglossia	
			Heteroglossia	
		<b>Graduação</b>	Força	
			Foco	

Quadro 7(a) - Resumo das teorias apresentadas

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Dados

O romance *Clara dos Anjos* (Lima Barreto, 1922) divide-se em onze capítulos, contudo a análise concentra-se em trechos dos capítulos II e VIII, que descrevem os perfis dos personagens Clara dos Anjos e Cassi Jones, examinando as características pessoais de cada um, além das circunstâncias sociais que os cercam, para mostrar os efeitos desses elementos no desfecho do romance, bem como na construção da identidade de cada um.

O capítulo II descreve Cassi Jones de Azevedo, um perigoso tipo suburbano que usava pastinha no cabelo e gastava seu tempo tocando violão, seduzindo mulheres e apostando em briga de galos. Acobertado pela família, sobretudo a mãe, que não queria ver seu filho desonrado numa cadeia, Cassi Jones conseguia subornar a polícia e continuar impune, apesar de perseguido pelos jornais e de ter levado ao suicídio a mãe de uma de suas vítimas.

O capítulo VIII descreve a personalidade frágil da protagonista Clara dos Anjos, que mesmo com todo o desvelo da família, passa a trocar cartas de amor com Cassi por intermédio de Meneses, amigo da família, que fora pressionado pelo conquistador. O padrinho convence o pai de Clara a não receber Cassi em sua casa e o resultado é uma vingança brutal: Marramaque é assassinado a mando de Cassi Jones.

### 4.2 Procedimentos de análise

A análise visa a responder às seguintes perguntas de pesquisa, com apoio da LSF:

- (a) que escolhas lexicogramaticais são feitas por Lima Barreto para focar a questão da discriminação sociorracial em *Clara dos Anjos*?
- (b) como são caracterizadas essas escolhas do ponto de vista do sistema da Avaliatividade?

- (c) de que forma a Linguística Sistêmico-Funcional pode desnudar a ideologia que envolve a identidade sociorracial no romance?

Devido ao envolvimento dos *tokens* de Atitude, ou seja, da Avaliatividade implícita, a análise inicia-se sempre com o delineamento do contexto situacional, a fim de minimizar a subjetividade, conforme sugere Goatly (1997). Feito isso, busco apoio nas categorias de análise referidas no Quadro 7(a), que reúne a macroestrutura e as categorias examinadas no nível da microestrutura (LI, 2010), resumido a seguir:

CATEGORIAS DE ANÁLISE	
Macroestrutura	Microestrutura
Identidade & Ideologia	1. <b>Metafunção Ideacional:</b> Participantes - Processos – Circunstâncias
	2. <b>Metafunção Interpessoal:</b> Avaliatividade (Atitude - Compromisso - Graduação)
	3. <b>Princípios:</b> Emergência - Posição - Indexicalidade - Relação - Parcialidade (Identidade Coletiva)

Quadro 7(b) - Resumo das categorias de análise

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Início este capítulo com o exame do contexto situacional - o Registro - verificando: Campo, Relações e Modo (HALLIDAY 1994; EGGINS 1994), nos termos de Goatly (1997), a fim de verificar como a língua e o contexto estão inter-relacionados.

### 5.1 ANÁLISE DO CAPÍTULO VIII

#### 5.1.1 *Registro: O contexto situacional*

**Campo:** O capítulo VIII descreve a jovem Clara dos Anjos, sua falta de perspectiva, a condição humilde da família sem instrução e a falsa educação que recebe dos pais, que não são capazes de perceber as artimanhas de Cassi para se aproximar da jovem.

**Relação:** Narrador em 3ª pessoa e leitor do romance.

**Modo:** Linguagem coloquial, simples, objetiva, descompromissada com a formalidade e próxima do leitor.

### 5.1.2 *Análise da Metafunção Ideacional em Clara dos Anjos*

De acordo com a Linguística Crítica, qualquer escolha deve revelar a ideologia que perpassa o texto, no caso, a discriminação racial, que se complementa aqui com a fragilidade da mulher de pouca instrução e, por conseguinte, de escassa perspectiva de vida. Início com a análise das escolhas dos tipos de Processos feitas pelo autor para descrever o perfil de Clara. Apresento, inicialmente, o trecho do capítulo VIII, que será analisado.

#### **Clara dos Anjos**

[Trecho do capítulo VIII, foco da análise]

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente; e o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão.

O mundo se lhe representava como povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. Na sua cabeça, não entrava que a nossa vida tem muito de sério, de responsabilidade, qualquer que seja a nossa condição e o nosso sexo. Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação.

A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinham muita culpa nisso tudo. Mas a sua falta de individualidade não corrigia sua obliquada visão da vida.

Passo, a seguir, a examinar, sob o enfoque da LSF, as escolhas dos tipos de Processos feitas por Lima Barreto na descrição da personagem *Clara dos Anjos*. Os Processos serão sublinhados e, sob eles, serão colocadas as classificações: Material (M) - Mental (Me) - Relacional (R) - Existencial (E) - Verbal (V) e Comportamental (V).

<b>Clara dos Anjos</b>	
<p>Clara <u>era</u> uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a Relacional</p> <p><u>modelassem</u> e <u>fixassem</u>. Seus pais não <u>seriam</u> capazes disso. A mãe não <u>tinha</u> Material                      Material                      Relacional                      Relacional</p> <p>caráter, no bom sentido, para o <u>fazer</u>; <u>limitava-se</u> a <u>vigiá-la</u> caninamente; e Material                      Mental                      Comportamental</p> <p>o pai, devido aos seus afazeres, <u>passava</u> a maioria do tempo longe dela. Existencial</p> <p>E ela <u>vivia</u> toda <u>entregue</u> a um sonho lânguido de modinhas e descantes, Mental (sonhava)</p> <p><u>entoadas</u> por sestrosos cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da Verbal</p> <p>morbidez do violão.</p>	<p>R</p> <p>M (meta) M (meta) R R</p> <p>M Me C</p> <p>E</p> <p>Me Me</p> <p>V</p>
<p>O mundo se lhe <u>representava</u> como povoado de suas dúvidas, de queixumes Relacional</p> <p>de viola, a <u>suspirar</u> amor. Na sua cabeça, não <u>entrava</u> que a nossa vida <u>tem</u> Comportamental                      Mental                      Relacional</p> <p>muito de sério, de responsabilidade, qualquer que <u>seja</u> a nossa condição e o Relacional</p> <p>nosso sexo.</p>	<p>R</p> <p>C Me R</p> <p>R</p>
<p>Não <u>havia</u>, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua Existencial</p> <p>individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de <u>elevantar-se</u>, de Mental</p> <p><u>reagir</u> contra essa representação. Material</p>	<p>E</p> <p>Me</p> <p>M</p>
<p>A filha do carteiro, sem <u>ser</u> leviana, <u>era</u>, entretanto, de um poder reduzido de Relacional                      Relacional</p>	<p>R R</p>

<p><u>pensar</u>, que não lhe <u>permitia meditar</u> um instante sobre o destino, <u>observar os</u>  Relacional (possibilidade) Mental Mental</p> <p>fatos e <u>tirar</u> ilações e conclusões.  Mental</p>	<p>R  Me  Me</p> <p>Me</p>
<p>A idade, o sexo e a falsa educação que <u>recebera</u>, <u>tinham</u> muita culpa nisso  Material Relacional</p> <p>tudo. Mas a sua falta de individualidade não <u>corrigia</u> sua obliquada visão da  Comportamental</p> <p>vida.</p>	<p>M (meta)  R</p> <p>C</p>

Quadro 8 – Análise da Metafunção Ideacional: Processos [Clara dos Anjos]

## 5.2 Análise do capítulo II

### 5.2.1 Registro: O contexto situacional

**Campo:** O capítulo II trata da descrição física e do caráter de Cassi Jones, sua vida social, além disso, descreve sua família e a educação descuidada que recebeu.

**Relação:** Narrador em 3ª pessoa e leitor do romance.

**Modo:** Linguagem coloquial, descompromissada com a formalidade e próxima do leitor.

### 5.2.2 Análise da Metafunção Ideacional em Cassi Jones

O trecho apresentado retrata o perfil do personagem Cassi Jones, sua personalidade e condição social, que pode revelar uma superioridade em relação à Clara dos Anjos.

## CASSI JONES

[Trecho do capítulo II, foco da análise]

Cassi Jones de Azevedo era filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones é que ninguém sabia onde ele o fora buscar, mas usava-o, desde os vinte e um anos, talvez, conforme explicavam alguns, por achar bonito o apelido inglês.

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado "modinhoso", além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio.

Vestia-se seriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o *degagé* suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo "Brandão", das margens da Central, que lhe talhava as roupas.

A única pelinragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio - a famosa "pastinha". Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz as damas com o seu irresistível violão.

Passo, a seguir, a analisar as escolhas dos tipos de Processos feitas pelo autor para descrever o perfil de Cassi Jones.

<b>Cassi Jones</b>	
<p>Cassi Jones de Azevedo <u>era</u> filho legítimo de Manuel Borges de Azevedo e Salustiana Baeta de Azevedo. O Jones <u>é</u> que ninguém <u>sabia</u> onde ele o <u>fora</u> <u>buscar</u>, mas <u>usava-o</u>, desde os vinte e um anos, talvez, conforme <u>explicavam</u> alguns, por <u>achar</u> bonito o apelido inglês.</p> <p style="text-align: center;">Relacional Relacional                      Mental                      Material Material    Verbal Mental</p>	<p>R</p> <p>R Me (outros) M</p> <p>M V (outros)</p> <p>Me</p>
<p><u>Era</u> Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto <u>fosse</u> conhecido como</p> <p style="text-align: center;">Relacional</p>	<p>R</p> <p>R</p>

consumado "modinhoso", além de o <u>ser</u> também por outras façanhas Relacional	R
verdadeiramente ignóbeis, não <u>tinha</u> as melenas do virtuose do violão, nem Relacional	R
outro qualquer traço de capadócio.	
<u>Vestia-se</u> seriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro Material	M
forçado e o degagé suburbanos, as suas roupas <u>chamavam</u> a atenção dos Relacional	R
outros, que <u>teimavam</u> em <u>descobrir</u> aquele aperfeiçoadíssimo "Brandão", das Material Material	M (outro) M (outro)
margens da Central, que lhe <u>talhava</u> as roupas. Material	M (outro)
A única pelinragem, adequada ao seu mister, que <u>apresentava</u> , <u>consistia</u> em Material Relacional	M R
<u>trazer</u> o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito Material	M
exatamente ao meio - a famosa "pastinha". Não <u>usava</u> topete, nem bigode. O Material	M
calçado <u>era</u> conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um Relacional	R
elegante dos subúrbios, que <u>encanta</u> e <u>seduz</u> as damas com o seu irresistível Material Material	M M
violão.	

Quadro 9 - Análise da Metafunção Ideacional: Processos [Cassi Jones]

### Comparando os resultados:

Comparo, a seguir, os resultados dos tipos de Processos encontrados relacionados a Clara dos Anjos e Cassi Jones, a fim de revelar, com o apoio da Metafunção Ideacional as experiências internas e externas das personagens e, conseqüentemente, os aspectos culturais e ideológicos do escritor.

<b>Processos</b>	Material	Relacional	Mental	Comportamental	Existencial	Verbal
<b>Total 29</b>	5 (Clara não é Ator)	10	8	3	2	1
100%	17%	35%	28%	10%	7%	5%

Quadro 10 - Ocorrência de Processos em Clara dos Anjos

<b>Processos</b>	Material	Relacional	Mental	Comportamental	Existencial	Verbal
<b>Total 23</b>	11 (em 3 ele não é Ator)	9	2	0	0	1
100%	48%	39%	9%	0%	0%	5%

Quadro 11 - Ocorrência de Processos em Cassi Jones

## Discussão:

Observa-se que como se trata da descrição do perfil de Clara e de Cassi, há uma alta porcentagem (35% e 39% respectivamente) de Processos Relacionais. Dessa forma, Lima Barreto mostra a distância que separa os dois personagens em termos de personalidade. Essa diferença transparece de maneira indiscutível na escolha do Processo Material: nos 17% de Processo Material que ocorrem na descrição de Clara, ela nunca é Ator, mas é Meta (ela "fora criada", "mãos fortes que a modelassem", "incapaz de reagir", etc.).

Já para Cassi, são 48% de Processos Materiais, e ele é Ator em 35% desses casos. Nota-se que os restantes 13% os Atores são outros, que giram em torno de Cassi, querendo, por exemplo, descobrir os segredos que este guardava. A descrição mostra Cassi como um rapaz consciente não só do meio que o circunda, mas também das coisas que podem impressionar esse meio ("achar bonito o apelido inglês").

Nesse sentido, a escolha de Processo Mental para ambos é também denunciadora da diferença entre eles: 28% para Clara e apenas 9% para Cassi: Clara sonha ("esfumaçara sua alma... sentimentalismo amoroso...") e Cassi mais age do que sonha ("achava bonito o apelido inglês"), (sendo que o terceiro Processo Mental pertence àqueles que "não sabiam onde ele fora buscar").

Por fim, o Processo Comportamental também é revelador (10% para Clara e 0% para Cassi). O Processo Comportamental é um misto de Mental e Material: algum sentimento muito intenso que acaba materializando-se, o que revela uma personalidade pressionada mentalmente, mas que sem a capacidade de reagir, apenas exterioriza fracamente esse seu estado ("esfumaçara sua alma...", "a

suspirar de amor", "sua falta de individualidade não corrigia..."); e a mãe, que na ânsia de proteger a filha acaba por “vigiá-la caninamente”.

O traçado dos perfis de ambos, por meio de escolhas que a análise dos Processos vai revelando passo a passo, mostra-se no decorrer desse misto de narração e descrição o desenlace do relacionamento de Cassi e Clara. Isso lembra a *cryptoargumentação* (argumentação camuflada) (REYNOLDS 2000; KITIS; MILAPIDES, 1997), que, por meio dos modos textuais da narração e da descrição camufla um argumento para provar que o encontro de personalidades tão diferentes - geradas pelo contexto em que aconteceu - não poderia resultar em felicidade.

### 5.3 Análise da Avaliatividade

Examino, em seguida, a Avaliatividade nos trechos referentes aos capítulo II e VIII, enfocando as categorias de Atitude: Afeto – Julgamento – Apreciação, explícitos ou implícitos; Graduação; bem como as categorias de Compromisso, que permite explorar as formas como a voz textual se posiciona em relação a essas avaliações.

Para facilitar o acompanhamento da análise, repete-se, aqui, o Quadro 5:

<i>APPRAISAL</i> (Avaliatividade)	COMPROMISSO	Monoglóssico	
		Heteroglóssico	
	ATITUDE	Afeto	
		Julgamento	
		Apreciação	
	GRADUAÇÃO	Força	Aumenta
			Diminui
		Foco	Aguça
			Suaviza

Quadro 5 - Recursos de APPRAISAL (fonte: adaptado de Martin 2003)





CH
<p><u>apelido inglês.</u> token JU (-)</p>
<p><b>Discussão:</b> O token de Julgamento negativo pode evidenciar que o personagem, apesar de ter uma família de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade da época, era um tipo pouco confiável. A voz textual inicia a construção do caráter do personagem com Compromisso Heteroglóssico, a fim de evidenciar outras vozes que corroborem seu posicionamento.</p>
<p>Era Cassi um rapaz de <u>pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de</u> AP (-)</p> <p><u>rosto e de corpo;</u> e, conquanto fosse conhecido como <u>consumado "modinhoso",</u> além de o JU (-)</p> <p>ser também por outras <u>façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do</u> JU (-) CM</p> <p><u>virtuoso do violão, nem outro qualquer traço de capadócio.</u> CM JU (-)</p>
<p><b>Discussão:</b> Observa-se na descrição física e psicológica de Cassi Jones Apreciação negativa e Julgamento negativo, podendo explicitar a construção da identidade negativa do personagem. Diante disso, a voz textual não admite posicionamentos contrários, e o faz por meio do Compromisso Monoglóssico.</p>
<p><u>Vestia-se seriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o</u> AP (+) AP (-)</p> <p><u>degagé suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros,</u> que teimavam em AP (-)</p> <p>descobrir aquele <u>aperfeiçoadíssimo "Brandão",</u> das margens da Central, que lhe talhava as G</p> <p>roupas.</p>
<p><b>Discussão:</b> A voz textual prossegue com sucessões de Apreciações negativas, a fim de explicitar as características que deveriam ter afastado qualquer possibilidade de interesse de Clara por Cassi.</p>
<p><u>A única pelinragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o</u> JU (-)</p> <p><u>cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao</u> AP (-) +G G</p> <p>meio - <u>a famosa "pastinha".</u> Não usava topete, nem bigode. O calçado era <u>conforme a</u> AP (+)</p> <p><u>moda,</u> mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um <u>elegante dos subúrbios,</u> que AP(+) token AP (-)</p> <p>encanta e seduz as damas com o seu <u>irresistível violão."</u> AP (+)</p>

**Discussão:** Observa-se, por meio de Apreciações negativas e positivas, a construção do personagem, que apesar de evidenciar um tipo suburbano de gosto duvidoso, é revelado como um sujeito que tenta adequar-se a uma realidade social, com a possibilidade de atrair “damas” por essa personalidade.

Quadro 13 - Avaliatividade [Cassi Jones]

### Comparando os resultados:

Avaliatividade	Julgamento	Afeto	Apreciação	Graduação	Avaliação Social	Compromisso
<b>Total 28</b>	3(+) 15(-)3 <i>token</i>	0(+) 2(-)	1(+) 0(-)	1	0 (+) 2(-) <i>token</i>	(3) CM (1) CH
100%	64%	7%	4%	4%	7%	14%

Quadro 14 – Ocorrência de Avaliatividade em Clara dos Anjos

Avaliatividade	Julgamento	Afeto	Apreciação	Graduação	Avaliação Social	Compromisso
<b>Total 22</b>	0(+) 7(-)2 <i>token</i>	0(+) 0(-)	4(+) 5(-)2 <i>token</i>	3	0(+) 0(-)	(2) CM (1) CH
100%	32%	0%	41%	14%	0%	14%

Quadro 15 – Ocorrência de Avaliatividade em Cassi Jones

### Discussão:

A análise da Avaliatividade mostra que a alta incidência de Julgamento negativo em Clara dos Anjos (64%) advém, na realidade, da Avaliação Social negativa de elementos como idade (jovem demais para entender a força biológica do sexo) e o contexto em que vive que não lhe permite uma educação que a faça perceber criticamente sua realidade. A Avaliatividade revela-se nesse caso através de *tokens* negativos, portanto, implícitos, perceptíveis pelo contexto e pelo conhecimento de mundo do leitor brasileiro. Note-se que mesmo a Avaliatividade positiva - de Julgamento e de Apreciação (4%) - tornam-se negativos no contexto em que aparecem. Além disso, o Julgamento Negativo evidencia que a personagem é incapaz de enfrentar sozinha qualquer problema, e que, sem “mãos fortes” seria certamente seduzida, iludida e abandonada. O autor implicitamente refere-se ao papel de subordinação das mulheres, contextualmente, as negras e de condição social menos favorecida.

Em relação a Cassi Jones a análise da Avaliatividade revelou a incidência constante de Julgamento Negativo (32%) e Apreciação Negativa (41%), explicitando que as características tanto físicas quanto psicológicas demonstram a falta de caráter do personagem. A Graduação aparece com 14% de ocorrências para Cassi Jones reforçando os aspectos negativos do caráter do personagem.

Assim como Clara dos Anjos teve uma educação descuidada, Cassi Jones foi desde cedo influenciado pelas “crises de vaidade” da mãe, além disso, na expressão “problemático e fidalgo avô”, observamos que a questão da hereditariedade também influenciou negativamente o Cassi, fato que se torna relevante devido à influência do Naturalismo na obra.

O Compromisso surge com 14% de ocorrências - mas as escolhas lexicais que Lima Barreto faz na descrição de Clara e seu contexto revelam que mesmo avaliações positivas em outro contexto adquirem, na subjacência, força negativa, um tom indisfarçável de monoglossia, na sua denúncia contra o problema da discriminação racial.

A ocorrência de Compromisso Monoglóssico encontrado evidencia que o autor projeta para o leitor uma visão extremamente negativa do personagem, impossibilitando pontos de vista alternativos, fazendo-o, assim, solidário a sua posição. Nota-se uma baixa ocorrência de Compromisso Heteroglóssico, e os dois que ocorrem, um para cada personagem, são carregados de negatividade, em que o leitor é, implicitamente, seduzido a concordar com a opinião do autor.

#### 5.4 *Análise dos Princípios de Identidade*

O romance *Clara dos Anjos* não se trata apenas de uma história de discriminação racial, mas também, de uma história sobre identidades. Nesse cenário mostram-se identidades diferentes, a família de mulatos do subúrbio e a família de brancos com condição menos humilde. Essas identidades são construídas discursivamente e por meio dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas.

As identidades que emergem nos trechos selecionados fazem menção a papéis sociais estabelecidos como pai, mãe, filha (a), e parecem sugerir uma tentativa de estabelecimento de identidades individuais, sociais e coletivas. Segundo

Snow (2001) as identidades são fundamentais para a interação social, pois fornecem pontos de orientação para "outro" como um objeto social. Passo, a seguir, a identificar os princípios de identidade que permeiam os trechos analisados referentes, primeiramente, a personagem *Clara dos Anjos* e, em seguida, *Cassi Jones*.

#### 5.4.1 *Análise dos Princípios de identidade em Clara dos Anjos*

Ao longo da obra, a personagem Clara dos Anjos é descrita pela voz textual como uma moça frágil, fruto de uma educação inadequada, e vítima de uma situação desfavorável, devido à cor e condição social. Diante disso, observa-se o princípio de parcialidade (BUCHOLTZ; HALL, 2005), uma vez que a construção da identidade da personagem é resultado de um efeito dos processos ideológicos e das representações ou percepção de outros, nesse caso, do próprio autor.

Além disso, a análise revela a dificuldade da personagem em construir uma identidade legitimadora, tornando-se, portanto, incapaz de transcender sua realidade social, “[...] Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação” (capítulo VIII, p. 90). Fairclough (2001) afirma que as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação, e, os seres humanos são capazes de transcender a ideologia se puderem transcender tais sociedades.

No que diz respeito à mãe de *Clara dos Anjos*, que poderia ser um exemplo de personalidade para filha, só foi capaz de reproduzir na jovem a educação que recebeu, embora tenha conseguido alcançar uma realidade melhor do que a da própria Clara, visto que arranja casamento e uma posição de respeito perante os seus. A personagem cria o que Castells (2003) denomina como *identidade de resistência*, ou seja, a construção de uma identidade defensiva nos termos das ideologias dominantes; e uma *identidade de projeto*, visto que, parcialmente, redefine sua estrutura social de mulher negra, de condição social desfavorável e sem perspectiva de constituir família nos padrões estabelecidos da época. Contudo, cognitivamente, não apresenta menor capacidade para resolver problemas, nem ao menos os de natureza doméstica. Segundo Bucholtz e Hall (2005) o princípio de

posição compreende que os papéis sociais determinam a posição identitária que pode ser local e temporária, assim, Engrácia assume um papel social bem marcado, de mãe zelosa e dona de casa subordinada ao marido, que sonha com semelhante modelo de constituição familiar para filha.

Segundo Snow (2001), a identidade coletiva reside em um senso de "nós" associado a atributos reais ou imaginados, em contraste com um conjunto de "outros". Analisando Clara dos Anjos e os personagens que fazem parte do seu núcleo familiar, pode-se perceber um senso compartilhado de "nós", na construção da sua identidade. Ao longo da narrativa observa-se a noção de coletividade, que fica estabelecida explicitamente quando assumidas as noções de similaridade no trecho "a priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social" (p.42) e de diferença no trecho "Ele pode achar muitas em melhores condições..." (p.101). Para Bucholtz & Hall (2005), as identidades são construídas intersubjetivamente através de muitas relações complementares, em geral superpostas, que incluem similaridade/diferença, autenticidade/artificialidade, autoridade/legitimidade.

#### *5.4.2 Análise dos Princípios de Identidade em Cassi Jones*

De acordo com Woodward (2003), a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Segundo o autor, existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa. No trecho "[...] Era bem misterioso esse seu violão; era bem um elixir ou talismã de amor" (cap.II, p.23), nota-se que o violão do personagem Cassi Jones funciona como um significante importante da identidade masculina e sedutora do personagem.

O princípio de relação (BUCHOLTZ; HALL, 2005) sugere uma série ampla de relações, que são forjadas através dos processos de identidade. Segundo Castells (2003), toda e qualquer identidade é construída e sua construção social ocorre sempre num contexto determinado por relações de poder. A mãe de Cassi Jones, apontada como responsável pelo péssimo caráter do filho, é representada pela voz textual como fruto de uma sociedade discriminatória, que se sobrepõe pela sua condição social e racial, como no fragmento "A mãe... como tinha suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com uma criada preta, ou com uma pobre

mulata costureira” (cap.II, p.24). Contudo, a personagem só mantém essa identidade, porque existe a outra identidade que fornece condições, a identidade é marcada assim pela diferença. Thompson (1995) explica que relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando indivíduos.

A construção da identidade de Cassi Jones é, de acordo com o princípio de parcialidade (BUCHOLTZ; HALL, 2005), fruto de processos ideológicos e percepções dos outros, uma vez que o personagem, ideologicamente, é caracterizado por condições etnicamente e socialmente favoráveis para o contexto social retratado, entretanto o autor o apresenta com caráter vil que o faz inferior em todos os aspectos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo examinar as escolhas lexicogramaticais feitas pelo escritor Lima Barreto, em sua obra *Clara dos Anjos*, a fim de verificar o modo como o autor aborda a problemática da discriminação sociorracial. Foram analisados os capítulos II e VIII, pois traçavam os perfis de Clara dos Anjos e Cassi Jones, evidenciando o comportamento e a personalidade de cada personagem dentro e fora do seu contexto social. Os capítulos IX e XI, igualmente importantes para delinear as questões de identidade racial e discriminação foram apresentados no anexo.

A pesquisa proporcionou-me a oportunidade de ressignificar muitos conceitos linguísticos, e por meio do contato com a Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística Crítica, pude experienciar novos caminhos para a minha prática docente, como por exemplo, proporcionar aos meus alunos a possibilidade de se tornarem leitores capazes de fazerem leituras desmistificadas, interagindo com os textos e reconstruindo significados marcados ideologicamente.

Com relação às perguntas de pesquisa, foram respondidas, como ilustrarei a seguir:

- a) Primeira pergunta: que escolhas lexicogramaticais são feitas por Lima Barreto para focar a questão da discriminação sociorracial em *Clara dos Anjos*?

A pesquisa nos revela a eficácia da metodologia Sistêmico-Funcional para auxiliar a Linguística Crítica, no desvelamento da realidade que corre na subjacência do texto, e que revela a ideologia que guia a mão de Lima Barreto. O sistema da Transitividade, que apoia a Metafunção Ideacional e as escolhas lexicogramaticais, constroem significados plenos de discriminação sociorracial, de determinismo (tão em voga na estética naturalista e, ainda presente, na literatura pré-modernista), colocados no texto como forças insuperáveis pelos personagens do romance. A personagem Clara dos Anjos é descrita como uma jovem sonhadora, fato comprovado pela alta incidência de Processos Mentais, em contrapartida é incapaz de transcender sua realidade social, observável pela baixa ocorrência de Processos Materiais, sendo, portanto, dominada e manipulada por Cassi Jones, sujeito que age, fato evidenciado pela alta porcentagem de Processo Materiais.

Lima Barreto, por meio dos Processos Relacionais em semelhante incidência, traça, ao longo da narrativa, um panorama da situação da mulher negra e pobre, e de um sujeito branco, sem nenhum caráter, contudo, com condição menos humilde, levando o leitor a acreditar que a incapacidade de reação da personagem torna-a culpada pelo desfecho trágico. Assim, se o leitor for capaz de desvendar a ideologia que permeia o texto poderá interpretar e desnudar a ideologia da sociedade na qual a obra foi produzida.

b) Segunda pergunta: como são caracterizadas essas escolhas do ponto de vista do sistema da Avaliatividade?

A pesquisa apontou que, por meio de escolhas lexicais de Avaliatividade negativas, Lima Barreto busca construir um leitor ideal, capaz de compartilhar suas amarguras, de uma vida marcada pela discriminação sociorracial. A alta incidência de Julgamentos negativos para Clara dos Anjos evidencia que a jovem não percebe criticamente seu contexto, portanto, não consegue transcender sua realidade social. O determinismo que tanto influenciou Lima Barreto é evidenciado por meio dos *tokens* de Julgamentos negativos e Avaliação Social negativas, revelando-nos que a personagem é influenciada pelo meio, hereditariedade e momento histórico, portanto não conseguiria fugir de um triste fim.

c) Terceira pergunta: de que forma a Linguística Sistêmico-Funcional pode desnudar a ideologia que envolve a identidade racial no romance?

As questões da macroestrutura do romance, como ideologia e identidade, foram reveladas à luz da Linguística Crítica e da metodologia da Linguística Sistêmico-Funcional, que nos mostrou que ao avaliar os personagens os valores ideológicos foram desnudados.

Que as identidades são construídas discursivamente e são estabelecidas em relações de poder. Qualquer indivíduo só é capaz de transcender a sua realidade se conseguir construir uma identidade legitimadora, o que nos revela que Clara dos Anjos não foi capaz de modificar sua realidade, pois não pode construir uma identidade de resistência, e lutar por uma realidade diferente.

O surpreendente é observar que a temática abordada por Lima Barreto no século XIX continua atualíssima, basta observarmos as pesquisas atuais que investigam a situação da mulher e a discriminação racial. Isso corrobora com a afirmação do caráter inovador do autor, que usa a arte literária como ferramenta de transformação social do homem, proposta da arte engajada. O autor guia o leitor a uma reflexão sobre os problemas do seu tempo, retratando, assim, o Brasil e o povo brasileiro.

Com relação à linguagem, a introdução de um estilo solto, leve, mais próximo do coloquial, que aproxima o leitor da obra foi, sem dúvida, uma transformação no gênero romance, uma vez que o autor rompe com os modelos estabelecidos da época.

Acredito que ainda há muito para ser examinado na obra, em especial a questão da identidade, contudo estou convicta que essa é apenas uma etapa de um processo que exige maior abrangência e aprofundamento no universo literário, e sei que isso é possível com o aparato teórico proporcionado pela LSF.

## 7 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M. **The dialogic imagination: Four essays**. Edited by M. Holquist, translated by C. Emerson and M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1935 [1981].
- BANKS, David. Emerging scientific discourse in the late seventeenth century: A comparison of Newton's *Opticks*, and Huygens' *Traité de la lumière*. **Functions of Language**, 12.1, 2005.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. “Em torno de Lima Barreto”, in **Cobra de vidro**, 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BUCHOLTS, Mary; HALL, Kira, 2005. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies* 7(4-5) (585-614).
- CALDAS-COULTHARD, C.R; M. COULTHARD (orgs.) **Texts and practices: readings in CDA**. London: Routledge, 1996.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Chun, E.W. (2001). ‘**The Construction of White, Black, and Korean American Identities through African American Vernacular English**’, *Journal of Linguistic Anthropology* 11(1): 52–64.
- CORTAZZI, M.; Jin, L. Evaluating Evaluation in narrative. In **Evaluation in Text: authorial stance and the construction of discourse**. S. Hunston & G. Thompson (eds.), (102-120). Oxford: Oxford University Press, 2000.

CORTEZ, Cinara Monteiro. **Identidades em interação: um estudo sobre as estratégias de construção de identidades em e-mails de um grupo online.** Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_3/2734-2748.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2734-2748.pdf) >. Acesso em: 04 dez. 2011.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** São Paulo: Global, 1997.

EGGINS, S.; MARTIN, J.R. (1997) Genres and Registers of Discourse. In: van Dijk, T. A. **Discourse as structure and process-Discourse Studies: a Multidisciplinary Introduction.** Vol. I. London: SAGE Publ.

FABRÍCIO, Branca Falabella. In: **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. **Discourse and Social Change.** Cambridge: Polity Press, 1992.

FARACO, Carlos. **Lima Barreto: uma literaturaafiada.** In: Clara dos Anjos. São Paulo: Ática, 1995.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros. **Lima Barreto e o fim do sonho republicano.** Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995.

FIRTH, J. R. 1935. The Technique of Semantics. *Transactions of the Philological Society*, 36-72.

FOWLER, R. **Language in the news.** Londres: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. **Language and control.** London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

GOATLY, Andrew. **The language of metaphors.** NY: Routledge, 1997.

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to Functional Grammar.** Londres: Edward Arnold, 1985.

\_\_\_\_\_. **Introduction to Functional Grammar.** Londres: Edward Arnold, 1994.

\_\_\_\_\_. **Introduction to functional grammar.** Londres: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar.** 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.

HOUAISS, Antonio. Prefácio. In: **Vida Urbana.** São Paulo: Brasiliense, 1956.

HYMES, D. (1975) 'Breakthrough into Performance', in D. Ben-Amos and KS Goldstein (eds) *Folklore: Performance and Communication* , pp. 11–74. The Hague: Mouton.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. **Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse - A case study.** *Journal of Pragmatics*, v. 28, p. 557-590, 1997.

LABOV, W.; Waletzky, J. *Narrative analysis: Oral versions of personal experiences.* In *Essays on the verbal and visual arts (Proceedings of the 1966 Spring Meeting of the American Ethnological Society, J. Helm (ed.), (12-44).* Seattle: WA: University of Washington Press. 1967.

LEMKE, J. L. 1992. *Interpersonal meaning in discourse: Value orientations.* In M. Davies & L. Ravelli (Eds.), *Advances in systemic linguistics: Recent theory and practice* (pp. 82-104). London: Pinter.

LEMKE, J. L., 1998. ***Resources for attitudinal meaning – Evaluative orientations in text semantics.*** *Functions of Language*, 5,1. (33-56).

LI, Juan. **Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors.** *Journal of Pragmatics*, 42.12, p. 3444-3458, 2010.

LOPES, L. P. **Afinal, o que é linguística aplicada? In: L. P. Lopes, Oficina de linguística aplicada.** Campinas: Mercado de Letras, 1996/2005.

\_\_\_\_\_. **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MAGALHÃES, Isabel. **Introdução: A Análise de Discurso Crítica.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29248.pdf> >. Acesso em: 05 jan. 2012.

MARTIN, J.R. *Language, register and genre.* In: F. Christie (ed.), *Children writing: reader*, p. 21-30. Geelong: Deaking University Press, 1984.

MARTIN, J.R. *Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English.* In Susan Hunston & Geoff Thompson (eds.), **Evaluation in Text – Authorial Stance and the Construction of Discourse.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introdução. Text 23* (171-1820, 2003).

NININ, Maria Otilia; ROMERO, Tania Regina de Souza (orgs.). **Linguística Sistêmico-Funcional como instrumento na educação**. São Carlos: Pedro & João editores, 2008.

NOLASCO-FREIRE, Zélia. **Lima Barreto: imagem e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2005.

Normas da ABNT Citações e Referências Bibliográficas. <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/pdf/abntnabr6023.pdf>.

PESCUMA, Derna. **Trabalho acadêmico – o que é? Como fazer?: um guia para sua apresentações**. São Paulo: Olho d' Água, 2008.

PÊCHEUX, Michel. 1982. **Language, semantics, and ideology**. Translated by Harbans Nagpal. New York: St. Martin's. xi, 224 pages. [French original: Les vérités de la palice 1975.].

PRADO, Antonio Arnoni. **Literatura comentada – Lima Barreto**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2011.

REYNOLDS, M. **The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editoriais**. International Journal of Applied Linguistics, v.10, n.1, p. 25-40, 2000.

SILVA, H. Pereira. **Lima Barreto: escritor maldito**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Brasília: INL, 1981.

SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SNOW, David A. **Collective Identity and Expressive Forms**. University of California, 2001. Paper 01'07. Disponível em:<<http://repositories.cdlib.org/csd/01-07>>. Acesso em: 04 dez. 2011.

STUBBS, M. 1996. **Text and corpus analysis**. Blackwell.

THOMPSON, G. Resonance in text. In **Linguistic choice across genres: Variation in spoken and written English**. A, Sanchez-Macarro & R. Carter (eds.) 29-63. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins. 1998.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

THOMPSON, G.; THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. *Text* 15/1, 103-127, 1995.

van Dijk, T. A. **Discourse as structure and process**. London: Sage, 1997.

\_\_\_\_\_. **Discourse as social interaction**. London: Sage, 1997.

\_\_\_\_\_. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2011.

VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Ed. Lacerda, 1999.

VOLOSHINOV, M. **Marxism and the philosophy of language**. Harvard University Press, 1973.

WHITE, P.R.R. Appraisal: **The language of attitudinal evaluation and intersubjective stance**. *Appraisal website*, URL: [www.grammatics.com/appraisal](http://www.grammatics.com/appraisal). 2002.

WHITE, Peter. **Valoração – A linguagem da avaliação e da perspectiva**. *Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão*, v. 4, n.esp, p. 178-205, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.

SILVERSTEIN, M. Shifters, linguistic categories and cultural description. In BASSOS, K. e SELBY, H. (Eds.). **Meaning in Anthropology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976. p. 11-55.

## ANEXOS

### 5.5 Análise do Capítulo XI

#### 5.5.1 Registro: O contexto situacional

**Campo:** No capítulo XI observa-se o desespero de Clara dos Anjos ao descobrir que Cassi havia fugido, deixando-a desonrada e grávida. A jovem busca o auxílio da vizinha, Dona Margarida, que a aconselha revelar sua situação aos seus pais e procurar a família do Cassi para reparar o dano causado pelo filho. Contudo, a jovem é humilhada pela mãe de Cassi e segue rumo a sua irremediável realidade.

**Relação:** Narrador em 3ª pessoa e leitor do romance.

**Modo:** Linguagem simples e objetiva, próxima do leitor.

#### 5.5.2 Análise da Metafunção Ideacional em Clara dos Anjos

### CLARA DOS ANJOS

[Trecho do capítulo XI, foco da análise]

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos.

Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

—Mamãe! Mamãe!

—Que é minha filha?

—Nós não somos nada nesta vida.

<b>Clara dos Anjos</b>	
<p>Na rua, Clara <u>pensou</u> em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que <u>tinha</u>  <small>Mental</small> <span style="float: right;"><small>Relacional</small></span></p> <p>presenciado e no vexame que <u>sofrera</u>. Agora <u>é</u> que <u>tinha</u> a noção exata da sua  <small>Comportamental</small> <small>Relacional</small> <small>Relacional</small></p> <p>situação na sociedade. <u>Fora preciso ser ofendida</u> irremediavelmente nos seus  <small>Relacional</small> <small>Verbal</small></p> <p>nos seus melindres de solteira, <u>ouvir</u> os desaforos  <small>Mental</small></p> <p>da mãe do seu algoz, para se <u>convencer</u> de que ela não <u>era</u> uma moça como as  <small>Mental</small> <span style="float: right;"><small>Relacional</small></span></p> <p>outras; <u>era</u> muito menos no conceito de todos.  <small>Relacional</small></p>	<p>Me R</p> <p>C R R R</p> <p>R V</p> <p>Me</p> <p>Me R</p> <p>R</p>
<p>Num dado momento, Clara <u>ergueu-se</u> da cadeira em que se <u>sentara</u> e <u>abraçou</u>  <small>Material</small> <span style="float: right;"><small>Material</small> <small>Material</small></span></p> <p>muito fortemente sua mãe, <u>dizendo</u>, com um grande acento de desespero:  <small>Verbal</small></p> <p>—Mamãe! Mamãe!</p> <p>—Que é minha filha?</p> <p>—Nós não <u>somos</u> nada nesta vida.  <small>Relacional</small></p>	<p>M M M</p> <p>V</p> <p>R</p>

Quadro 16 - Análise da Metafunção Ideacional: Processos [Clara dos Anjos]

## 5.6 Análise do Capítulo IX

### 5.6.1 Registro: O contexto situacional



companheiros e a sua fama de violeiro <u>percorria</u> todo ele, e, em qualquer parte, Existencial	E
<u>era apontado</u> ; no subúrbio, enfim, ele <u>tinha</u> personalidade, <u>era</u> bem Cassi Jones Material [passiva] Relacional Relacional	M R R
de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que <u>era</u> Relacional	R
ele? "Não <u>era</u> nada." Relacional	R

Quadro 17 - Análise da Metafunção Ideacional: Processos [Cassi Jones]

### Comparando os resultados:

Processos	Material	Relacional	Mental	Comportamental	Existencial	Verbal
<b>Total 16</b>	3	7	3	1	0	2
100%	19%	44%	19%	6%	0%	12,5%

Quadro 18 - Ocorrência de Processos em Clara dos Anjos

Processos	Material	Relacional	Mental	Comportamental	Existencial	Verbal
<b>Total 13</b>	4	5	1	0	3	0
100%	31%	38%	8%	0%	23%	0%

Quadro 19 - Ocorrência de Processos em Cassi Jones

### Discussão:

A análise dos Processos Materiais evidencia o personagem Cassi Jones muito mais agente de seus atos (31%) contra apenas (19%) para Clara dos Anjos, sendo que os de Clara são Processos que determinam os atos da jovem percebendo-se em seu contexto social. Os 19% de Processos Mentais para Clara dos Anjos explicitam que a jovem personagem apenas pensa, enquanto os 8% para Cassi Jones referem-se a situações em que ele estranha a diferença entre estar no subúrbio e fora dele. Os 6% de Processos Comportamentais para Clara dos Anjos, ou seja, uma ocorrência, revelam um agir da personagem, provocado por confusão mental fruto de sua desilusão amorosa. Assim como, os 12,5% de processos verbais evidenciam a jovem externalizando seu amargo desfecho.

Os 23% de processos Existenciais para Cassi Jones retratam os sentimentos e as pessoas que existem em sua vida, podendo assim revelar sua identidade.

A alta incidência do Processo Relacional, 38% para Cassi Jones e 44% para Clara dos Anjos, mostra a descrição desfavorável de ambos e revelam a intenção de Lima Barreto em explicitar a realidade social dos personagens, construindo o pano de fundo que circunscreve o desfecho amoroso do romance.

## 5.7 Análise da Avaliatividade capítulo IX Clara dos Anjos

<b>Clara dos Anjos</b>	
<p>Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela <u>dolorosa cena que tinha presenciado e no</u>  <span style="display: block; text-align: right;">AF (-)</span></p> <p><u>vexame que sofrera.</u> Agora é que tinha a noção exata <u>da sua situação na sociedade.</u> Fora  <span style="display: block; text-align: right;">AF (-) <span style="margin-left: 100px;">token AS (-)</span></span></p> <p>preciso ser <u>ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira,</u> ouvir <u>os desaforos</u>  <span style="display: block; text-align: right;">AF (-) <span style="margin-left: 50px;">G</span> <span style="margin-left: 100px;">JU (-)</span></span></p> <p><u>da mãe do seu algoz,</u> para se convencer de que ela <u>não era uma moça como as outras:</u>  <span style="display: block; text-align: right;">JU (-) <span style="margin-left: 100px;">CM</span> <span style="margin-left: 100px;">token JU (-)</span></span></p> <p><u>era muito menos no conceito de todos.</u>  <span style="display: block; text-align: right;">AS (-)</span></p>	<p><b>Discussão:</b> No trecho destacamos o Afeto negativo a fim de evidenciar o sentimento de impotência da personagem diante da situação de humilhação que fora submetida. Os <i>tokens</i> de Julgamento negativo e de Avaliação Social negativa marcam o papel social da personagem, que pode ser considerada uma projeção da discriminação sociorracial da época. Podemos observar que os problemas só poderiam ter sido evitados se a personagem tivesse consciência dessa realidade social, e fosse capaz de transcendê-la.</p>
<p>Num dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e <u>abraçou muito</u>  <span style="display: block; text-align: right;">AF (+)</span></p> <p><u>fortemente</u> sua mãe, dizendo, com um <u>grande acento de desespero:</u>  <span style="display: block; text-align: right;">G <span style="margin-left: 100px;">G</span> <span style="margin-left: 100px;">AF(-)</span></span></p> <p>—Mamãe! Mamãe!</p> <p>—Que é minha filha?</p> <p>—<u>Nós não somos nada nesta vida.</u>  <span style="display: block; text-align: right;">AS (-)</span></p>	<p><b>Discussão:</b> O trecho final revela, por meio do Afeto (positivo e negativo) e da Graduação, o forte sentimento de Clara diante de sua realidade social. A Avaliação Social negativa revela que a voz textual, monoglossicamente, enfatiza o destino das mulheres pobres e de cor, iguais a Clara e sua mãe.</p>

Quadro 20 - Avaliatividade [Clara dos Anjos]

## 5.8 Análise da Avaliatividade capítulo IX Cassi Jones

<b>Cassi Jones</b>	
<p>Cassi Jones, <u>sem mais percalços</u>, se viu lançado em pleno Campo de Sant"Ana, no meio JU (-)</p> <p>da multidão que jorrava das portas da Central, <u>cheia da honesta pressa de quem vai</u> AS (+)</p> <p><u>trabalhar</u>. A sua <u>sensação</u> era que estava numa <u>cidade estranha</u>. No subúrbio, tinha os AF (-) AP (-)</p> <p><u>seus ódios e os seus amores</u>; no subúrbio tinha os seus <u>companheiros, e a sua fama</u> AF (-) AF (+) JU (+)</p> <p>de <u>violeiro</u> percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, <u>ele</u> <u>tinha personalidade</u>, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de JU (+)</p> <p>Sant"Ana para baixo, <u>o que era ele? Não era nada.</u> CH CM JU (-)</p>	
<p><b>Discussão:</b> A voz textual apresenta ao leitor a visão que Cassi constrói de si mesmo em relação ao meio social em que vive usando Julgamentos positivos e Afetos positivos, em contrapartida usa Julgamentos negativos e Afetos negativos, a fim de evidenciar que fora de sua realidade social o seu sentimento era de inferioridade, ou seja, ele "não era nada".</p>	

Quadro 21 - Avaliatividade [Cassi Jones]

### Comparando os resultados:

Avaliatividade	Julgamento	Afeto	Apreciação	Graduação	Avaliação Social	Compromisso
<b>Total 15</b>	0(+) 3(-) 1 token	1(+) 4(-)	0(+) 0(-)	3	0 (+) 3(-) 1 token	(1) CM (0) CH
100%	20%	33%	0%	20%	20%	6,5%

Quadro 22 – Ocorrência de Avaliatividade em Clara dos Anjos

Avaliatividade	Julgamento	Afeto	Apreciação	Graduação	Avaliação Social	Compromisso
<b>Total 11</b>	2(+) 2(-)	1(+) 2(-)	0(+) 1(-)	0	1(+) 0(-)	(1) CM (1) CH
100%	36%	27%	9%	0%	9%	18%

Quadro 23 – Ocorrência de Avaliatividade em Cassi Jones

## **Discussão:**

A análise da Avaliatividade indicou 36% de Julgamentos para Cassi Jones, e 20% para Clara dos Anjos, sendo assim, a voz textual revela as identidades dos personagens diante da descoberta da realidade social para ambos.

A incidência de Afeto em Clara dos Anjos (33%) revela o sentimento demonstrado por ela diante da tragédia iminente. Em relação a Cassi Jones os 27% de Afeto revelam-se por meio do sentimento de conflito emocional, em virtude da descoberta de sua identidade.

A ocorrência de 20% de Graduação de força para Clara dos Anjos mostra o grau de desespero da jovem diante da sua difícil situação, sendo que para Cassi Jones não há ocorrência de Graduação, ou seja, ele não se importa com o fato.

A incidência de Compromisso para Clara dos Anjos é de 6,5%, ou seja, uma ocorrência de Compromisso Monoglóssico, enquanto para Cassi Jones 18%, ou seja, uma ocorrência de Monoglóssico e uma de Heteroglóssico, diante disso, observa-se que a voz textual convida o leitor a corroborar com o fato de que para Clara dos Anjos e sua iguais não havia saída, principalmente depois da forma que Lima Barreto constrói o caráter de Cassi Jones. E a ocorrência de Avaliação Social Negativa para Clara dos Anjos (20%) só confirmam essa discriminação social exposta por Lima Barreto.

### **5.9 Princípio de Identidade e Identidade Coletiva**

Na análise da identidade do personagem observa-se que Cassi Jones é descrito como um rapaz de posição social melhor que a Clara, e que se sobrepõe em virtude dessa circunstância, entretanto, quando submetido à outra realidade torna-se evidente sua condição similarmente desfavorável perante a sociedade. De acordo com o princípio de emergência a identidade está alojada na mente do indivíduo, sendo assim, a autoimagem criada por Cassi Jones é desconstruída e sua realidade surge mostrando sua verdadeira posição social “[...] ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada.” (p.113).

A questão sociorracial é apresentada ao leitor como fator determinante do desfecho trágico da personagem, visto que, as últimas palavras da personagem

Clara dos Anjos, “Nós não somos nada nesta vida.” (p.133), evidenciam a constituição de uma identidade coletiva (SNOW, 2001) marcada pela discriminação sociorracial, ou seja, um senso de “nós” em contraste com “outros”.